Ano XXI — Lisboa, Janeiro e Fevereiro de 1965 — N.os 237-238

SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista · Agraciado com "o Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino F. Macedo

Director-Adjunto
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Trav. Vitorino de Freitas, 9 — LISBOA-3 — Telefs: Red. 63 66 07 — Adm. 63 88 49 ● Comp. e Imp.: TIPOGRAFIA VIEIRA — R. de Belém, 15 e 17 — LISBOA-3

VINTE ANOS

Um jornal atinge a maioridade no próprio momento em que nasce. Por outro lado, os seus leitores exigem que, não obstante o desfiar dos anos, ele conserve a mesma juventude e revele sempre frescura e renovação.

Como conciliar estes predicados com o inevitável cansaço dos homens que o delineiam e realizam? Chamando às primeiras linhas novos elementos que sejam portadores não só de renovadas doses de energia e de entusiasmo, como também de um reforço de capital nos domínios das ideias, das iniciativas e da imaginação. Só assim a obra terá a garantia de prosseguir sem quebras de ritmo e a salvo de a sua acção ser empanada por naturais afrouxamentos na capacidade de realização e pela irremediável saturação a que todos são vulneráveis.

Não tem sido este jornal completamente feliz nos seus intuitos de conseguir mãos jovens a quem possa confiar, sem sombra de preocupação, o facho que tem de estar empunhado. E' certo que alguns jovens lhe oferecem uma colaboração preciosa, indispensável mesmo. Mas, todos juntos, somos tão poucos que não é possível pensar-se em aposentações sem pôr em imediato perigo a prossecução da obra.

No entanto, vinte anos é lapso de tempo respeitável. Recordamo-nos que, há dez anos atrás, o nosso estimado colaborador Enrique Genovés dizia: «*Dez anos dedicados a um mesmo trabalho são mesmo muitos anos. Olha-se para trás e o dia do começo fica terrivelmente longínquo; se olhamos para diante, uma data situada dez anos no futuro, parece que jamais chegará*». Pois o certo é que essa data chegou já. Infelizmente, nem todos puderam estar presentes no fim de mais uma etapa. Mas até a memória desses amigos que ficaram pelo caminho impõe-nos que encaremos, com firmeza, um novo lanço de dez, vinte, sabemos lá, de trinta anos de trabalho, com os mesmos problemas, as mesmas limitações, as mesmas dificuldades de sempre, que, por vezes, parecem querer subverter a realização da nossa tarefa.

Há que prosseguir, contudo, a caminhada, porque «Sempre Pronto» não é imposto sòmente por aqueles que preenchem as suas colunas, mas sobretudo pelos seus verdadeiros obreiros, os seus leitores, os anunciantes, e a dedicada plêiade de delegados, agentes e correspondentes, os quais oferecem os meios indispensáveis ao cumprimento da nossa missão. «Sempre Pronto» é fruto da

Segue na pág. 8

Ano I — 1945 — Janeiro-Fevereiro — N.º 1

SEMPRE PRONTO

NÚMERO AVULSO 1$00
Assinaturas de 6 números... 6$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro
Administrador
Capitolino Ferreira Macedo
Redactor
Manuel António Palma

Propriedade do Grupo N.º 94 dos Escoteiros de Portugal

BIMENSÁRIO

COMP. E IMP.: OTTOSGRÁFICA, LIMITADA · CONDE BARÃO, 50 ● REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: TRAV. DE VITORINO DE FREITAS, 9 / AJUDA-LISBOA

HORA DE ESFÔRÇO

O momento que o mundo agora vive pode ser classificado, sem receio de êrro, de *hora de esfôrço*, de supremo esfôrço, luta titânica em todos os sectores de actividade humana, quer se trate de países directamente flagelados pela guerra, quer daquêles que sofrem apenas as suas conseqüências indirectas.

A guerra, êsse monstro inclassificável, tem o condão de despertar energias e se aquêles que foram levados aos campos de batalha realizam prodígios de bravura num esfôrço estoico para apressar os dias da Paz, os que ficam na retaguarda dedicam-se a uma actividade dinâmica descobrindo, inventando e produzindo os elementos de acção para os soldados.

A política do futuro, as relações internacionais do após-guerra, o problema das comunicações inter-continentais, os assuntos sociais, os métodos educativos e pedagógicos, a cristianização dos povos e muitos outros, prendem a atenção duma plêiade de estadistas, políticos, industriais, sociólogos, cientistas, educadores, religiosos, etc., que num afã constante se debruçam sôbre o mundo procurando que do caos em que êste se encontra possa surgir uma sociedade mais perfeita, mais pacífica e mais sã.

Não sabemos se o conseguirão, mas o que nos encanta é o esfôrço dispendido, o sacrifício voluntário, a bravura generosa. Especialmente a mocidade tem tido nesta luta gigantesca um papel de destaque e tem sido a principal vítima da negligência, do materjalismo, da maldade e dos êrros da humanidade.

É lamentável que tivesse sido necessária esta guerra para despertar os homens da letargia em que jaziam e só agora procurassem atacar de frente problemas que de há muito deveriam estar resolvidos e cuja solução, talvez, tivesse evitado êste conflito.

Mas a hora do esfôrço chegou. Os homens lançam-se numa actividade construtiva. Nós, jovens portugueses, não podemos ficar indiferentes a êste movimento, ocupados em banalidades. Urge que alinhemos também o nosso esfôrço nesta cruzada pelo MELHOR. Chegou a hora de trazer o calor do nosso entusiasmo a tôdas as Obras que visem o Amor, o Progresso e a Beleza. *Sempre Pronto* surgiu fruto dêsse desejo. Muitos nos preveniram das dificuldades que teríamos de enfrentar. Reconhecemos que as suas palavras eram prudentes, mas a hora é de esfôrço e nós aqui estamos, dispostos a dar a nossa contribuição. Alegra-nos saber que o movimento a que estamos ligados — O ESCOTISMO — nos dá francas oportunidades de *bem servir*. Será esta a nossa finalidade. Que o nosso trabalho possa contribuir, em pouco que seja, para a reconstrução moral e espiritual da sociedade e daremos por bem empregado o nosso esfôrço. Contamos encontrar a nosso lado, ombro a ombro, todos os jovens de boa vontade e o *Sempre Pronto* não negará a sua colaboração a todos aquêles que, paralelamente, se esforcem pela cultura e pela educação da gente nova.

SUMÁRIO

Hora de Esfôrço — Editorial
Duas Palavras — Tenente António Gomes Rocha
De Escoteiro para Escoteiro; A nossa sede — Kaly
Conversando com os guias de patrulha
Bela Iniciativa — Rosa Baptista
Actividades do Grupo n.º 94
Coisas do Norte
Liga dos Amigos do Grupo n.º 94
Commemorações do 1.º de Dezembro
A Escola do Ar Livre — Dr. Manuel Gomes dos Santos
Secção Técnica sob a direcção de M. Palma
A saúde e o Campismo
Turismo Campista
Aptidões de capacidade
Plantas Medicinais
Calendário campista
Intercâmbio epistolar escotista
Breves notícias do movimento escotista
Região do Algarve
Campanha do Fio de Lã
Últimas Notícias
Uma boa acção
A Fraternal dos Antigos Escoteiros
Intercâmbio epistolar campista

Duas palavras

Os briosos rapazes do Grupo n.º 94 dos Escoteiros de Portugal pediram-me umas palavras para o seu jornal, e eu que nunca recusei a minha modestíssima colaboração a qualquer obra benemérita ou patriótica, não podia escusar-me a êsse pedido, não só porque conheço do Escotismo o suficiente para reconhecer quanto a Obra Escotística é credora do apoio moral e material de todos os bem intencionados, como ainda, e muito principalmente, porque no momento presente há a dura necessidade da conjugação dos esforços de todos os que amam a Humanidade e a sua Pátria no sentido de se conseguir melhores dias para êste pobre Mundo.

Graças à generosíssima iniciativa de Sir Baden Powell, êsse Gran-

Fac-símile da 1.ª página do N.º 1 de «Sempre Pronto»

VARIAÇÕES SOBRE O FADO

Sempre nos têm considerado, aos Portugueses, sentimentais e de temperamento «amavioso». Por muitos séculos gozámos essa fama, que fez de todos nós aos olhos de estranhos um povo de melancólicos, de «chorões» até, com alternativas de ferrabrazes de orgulho indomável, à custa de que muito se riram os espanhóis dos autos de Calderón, de Lope de Vega e outros grandes nomes do século de ouro.

Tão funda e arreigada era tal crença, que nesse mesmo século, quando a sr.ª de Sévigné recebia cartas ternas de sua filha, a sr.ª de Grignan, chamava-lhe a rir «uma verdadeira portuguesa», por influência dessa *supercherie* famosa que são as chamadas «Cartas da Freira». O mesmo veio a dar-se século e meio mais tarde quando a sentimental *Miss Ba* deu aos seus maravilhosos sonetos o nome de *Sonnets from the Portuguese,* por considerar mais próprio dos Portugueses o sentimentalismo das suas poesias do que do génio dos seus compatriotas, entre que então ainda vivia o ilustre Wordsworth, o poeta romântico por excelência da Literatura Inglesa.

Somos sentimentais, por temperamento, por educação, por influência do meio, por tudo aquilo que quiserem, é certo. Mas se é talvez esse sentimentalismo o responsável pela tantas vezes cantada «brandura dos nossos costumes», situada no pólo oposto do temperamento ferozmente afirmativo dos castelhanos, e se em tantos casos a pieguice portuguesa originou tantas sátiras e epigramas que ficaram para sempre ligados ao nosso nome (fazendo, injustamente, esquecer tantos actos e tantos feitos sem os quais o mundo não seria hoje o que é), a verdade é que é no «fado» que se tem procurado encontrar a expressão rítmica desse sentimentalismo, que tendo-se fixado primeiro nos *Cancioneiros,* atingindo alta expressão lírica nas poesias de Bernardim e no *Cristal,* veio, em curva descendente, assentar arraiais no *Só,* espécie de Bíblia da Decadência, fonte em que foram beber tantos poetas de terceira ordem, sem o talento de «Anto».

Por isso houve quem, há já longos anos, lançasse o *slogan* do fado «canção nacional», como se as suas modulações, tantas vezes dum sentimentalismo lamecha, quase fúnebre (quando não simplesmente reles) pudessem alguma vez caracterizar o sentir das gentes do Minho, do Ribatejo ou do Algarve, ou tenham algo de comum com a expressão rítmica, profundamente impressiva, dos corais alentejanos.

Não está ainda hoje averiguado concretamente a origem do «fado», embora a opinião de grande parte dos entendidos o vá filiar no «lundum», canção e dança (por vezes obscena) dos negros, que pululavam no país, particularmente em Lisboa, no século XVIII, canção que fez as delícias da sociedade «bem» da época de D. Maria I, e tantas vezes dedilhada no bandolim nos serenins de Queluz.

No entanto, talvez pelo seu carácter decadente, pelo sensualismo pronunciado dessa música, parente remota dos *blues* dos negros do Mississipi, a pouco e pouco abandonou os salões doirados da aristocracia *fin de siècle,* que usava «quitó» e o rosto sarapintado de «sinais», para se amesendar nas tabernas e tavolagens da beira-rio, cantada pelos embarcadiços no alto-mar quando as saudades os pungiam, subindo à Alfama e instalando-se na Mouraria e passando a chamar-se «fado», do latim *fatum,* sorte, destino.

Porque nesta canção (de que aliás há espécimes curiosos) é sempre a «triste sorte» do fadista (ou daquele cuja história ele canta em voz plangente) que está em jogo. Caído em decadência o «lundum», ao voltar à vida sob a forma de «fado», assumiu aspectos dum dramatismo funéreo que só por si bastava para conquistar as almas desses tristes farrapos humanos da sociedade oitocentista, que faziam da Calçada do Capelão a sua Gran Via. Expressão miserável dum estado de alma decadente, de quem se sentia soçobrar na vida e não encontrava dentro de si forças resgatadoras capazes de operar a sua regeneração, o «fado», «canção de vencidos», tornou-se a canção de rufias e marafonas, a que o grande Malhoa deu expressão plástica genial no quadro que todo o Portugal conhece — *O Fado.*

Olhando bem de frente esse fadista de ar canalha, com a melena a cair sobre o olho, e que dedilha a banza soltando uns sons roucos de voz aguardentada (que quase se ouvem tão sòmente pela força expressional da arte do mestre), enquanto a amásia, que o olha embevecida, de cigarro esquecido entre os dedos, deixando-se penetrar da música dolente, nós sentimo-nos surpreendidos por saber que se persiste em considerar o «fado» canção nacional e se chegue ao exagero de o fazer cantar no estrangeiro sob esse rótulo mistificador.

Que haverá de comum entre os trémulos ou rouquidos das numerosas cantadeiras que pululam na Capital (e até infelizmente, em outras cidades do país) em «retiros», *boîtes,* «solares», adegas, *et reliqua,* trémulos e rouquidos emitidos em ambiente *ad hoc,* soturno e a meia luz, num silêncio que se quer seja forçosamente recolhido e admirativo, que haverá de comum, dizia eu, entre o «fado» e as «alegres canções do Norte», por exemplo o «vira», a «chula», a «rabela», o «malhão», expressão rítmica da alegria popular, em que as vozes frescas das raparigas se elevam ao ar como os foguetes nas romarias álacres, num conjunto de harmonia que se comunica às próprias coisas? Que há de semelhante entre o triste «fado» (a «triste canção do Sul», como lhe chamou um escritor eminente) e o colorido e saltitante «fandango» ribatejano, ou o impressionante e trepidante «corridinho» algarvio?

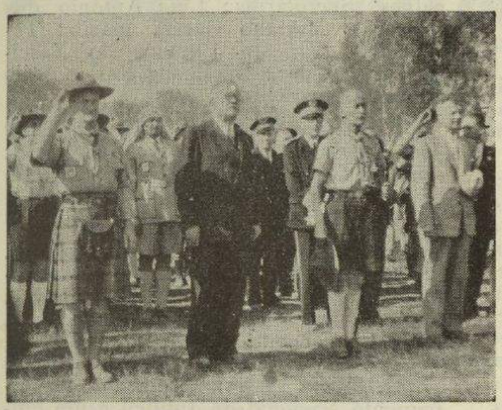
Creio que absolutamente nada. O «fado», caindo de degrau em degrau, tornou-se numa canção choramingas e piegas, que nunca deveria ter saído das vielas mal afamadas, onde se acolhera o «lundum» fugitivo dos salões fidalgos. E se um dia um Conde de Vimioso não se envergonhou de descer a «batê-lo» de súcia com rufias, toureiros e troquilhas ao lado da Severa e outras da sua «corte», isso não é razão, segundo se me afigura, para o elevar ao nível a que as nossas estações emissoras o querem elevar.

Que haja fadistas que cantam com expressão, não contesto. Que muitos fados têm ritmo e expres-

Segue na página 7

As Grandes Reportagens de "SEMPRE PRONTO"

«Grandes reportagens» é verdade! «Sempre Pronto», jornal pequeno, tem efectivamente promovido grandes reportagens. Logo em 1947 — e apesar de dificuldades deliberadamente promovidas — «Sempre Pronto» esteve em França no primeiro Jamboree realizado depois da Guerra. Realizámos uma reportagem importante que trouxe aos nossos leitores uma imagem perfeita do que foi essa grandiosa realização do Escotismo Francês. 40 mil escoteiros acampados e 30 mil visitantes diários foi a população que registou essa extraordinária manifestação do Escotismo Mundial que, após a guerra, se expandia cheio de vitalidade.



Vincent Auriol, presidente da República Francesa visita o Jambori da Paz, em Moisson, França. A' esquerda vê-se o Coronel Wilson, director da Repartição Mundial de Escotismo, e à direita o General Lafont, chefe do Escotismo Francês

O Jambori da Austria

Em 1951, a equipa directiva de «Sempre Pronto» dirigiu-se à Áustria onde, perto de Salzburgo, se realizava o Jambori chamado da Simplicidade. Nova reportagem e novamente os nossos leitores tiveram uma imagem bastante elucidativa do



Escoteiros indochineses, suiços, ingleses e franceses, acompanham a equipa de reportagem de «Sempre Pronto»

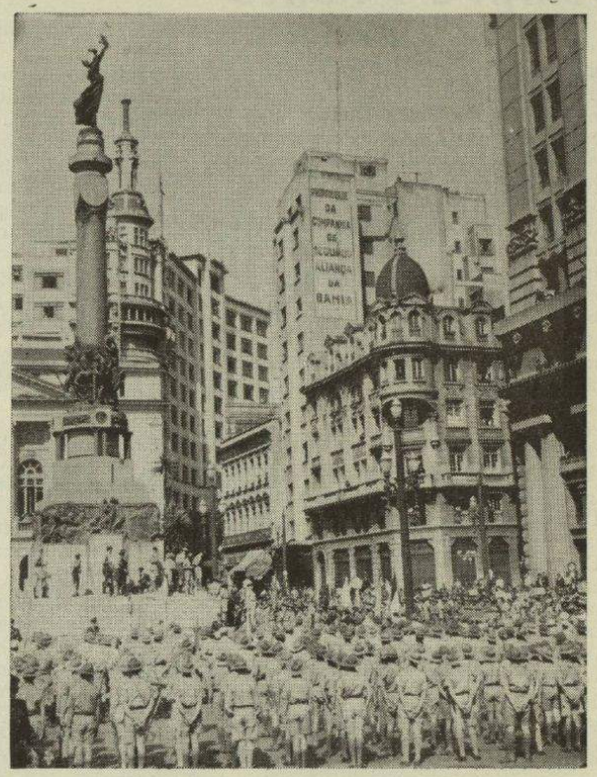
que foi essa interessante reunião do Escotismo Mundial, que, se não teve o cunho de grandiosidade da anterior, primou pelo espírito de fraternidade.

Os portugueses em Inglaterra

Em 1951, também se realizou em Inglaterra um Acampamento Internacional de Patrulhas onde esteve uma boa deputação dos Escoteiros de Portugal. Graças à colaboração dos membros dessa delegação e dos seus chefes, os nossos amigos srs. Jacinto dos Reis Moniz Silva e Armando Lino, mais uma vez «Sempre Pronto» publicou larga reportagem do importante acontecimento e da brilhante presença dos nossos rapazes.

O acampamento de São Paulo-Brasil

Em 1954, não pôde «Sempre Pronto» acompanhar a nossa Delegação ao Acampamento Internacional de Patrulhas, de S. Paulo, Brasil, actividade integrada nas comemorações do IV Centenário daquela cidade. Mas graças à colaboração do Chefe da Delegação, sr. Albano ds Silva, e dos seus membros, bem como do nosso saudoso Delegado no Brasil, mais uma vez o nosso jornal apresentou desenvolvida e esclarecida reportagem.



Os Escoteiros reuniram-se junto ao monumento da Fundação da cidade de São Paulo e aí prestaram a sua homenagem à grande capital

Ouvindo o público de Lisboa

Em 1 de Dezembro de 1955, a reportagem de «Sempre Pronto» veio à rua ouvir o público. A pergunta era sempre a mesma: — *Conhece o Escolismo?*



As respostas não foram muito animadoras, no entanto, foram simpáticas. Ah! sim. Estes dois carteiros conheciam o «Sempre Pronto». *Ossos do ofício...*

O acampamento do Jubileu em Inglaterra

Em 1957, comemora-se o 50.º aniversário do Escotismo e o Centenário de Baden-Powell. E' na Inglaterra que se realizou um formidável Jambori comemorativo — o Jambori do

Continua na pág. 23

No 20.º aniversário

Patrocinadores de "Sempre Pronto"

Aires Gomes Dinis
Albano da Silva
Alberto Sá Libório
Albino Gomes da Costa Duarte
Alfredo Jorge Gallis
Comandante Álvaro de Melo Machado
Amílcar Gonçalves Fernandes
Prof. António Álvaro Dória
António Augusto da Silva e Cunha
António Francisco Xavier de Brito
António Frias
António Gonçalves
António Pacheco da Silva
Comandante António Tengarrinha Pires
António Viegas Custódio
Armando Champlon
Associação dos Escoteiros de Portugal
Aureliano Gaspar Perdigão
Carlos Alberto Filipe
Cristiano Augusto Xavier
Daniel Adolfo Duarte Ribeiro Correia
Dr. Dinis Augusto Curson
Ernesto de Sousa
Dr. Eugénio Henriques Ramos
Eugénio Ribeiro Nunes
Fernando de Almeida Figueiredo
Fernando Bettencourt
Fernando José Soares Gomes
Fernando Rodrigues Ramos
Ten.-Coronel Fernando da Silva Caetano
Francisco do Nascimento Pina
Francisco da Silva Maurício
Eng.º Frederico Oom
Gerardo de Sousa
Gustavo Adolfo de Almeida Moreira
Gustavo Pereira da Costa
Hélder Pinto Martins
Humberto Martins
Irineu Reis Cunha
Jacinto dos Reis Moniz Silva
Jaime A. Assis
Prof. Dr. João Faria Lapa
João Marques
João Patrício de Melo
João Soeiro
Joaquim Alberto Garrett Lourenço
Joaquim da Rocha Saraiva
Coronel Joaquim de Sousa Duarte Borrego
Joaquim de Sousa Piscarreta
José Alberto A. dos Santos
Brigadeiro José Alfredo do Amaral Esteves Pereira
José António Veloso Fernandes
José Cândido de Jesus Rana
José Dinis Camacho
José Dionísio dos Santos
José Eduardo Pena Ribeiro
José Ferreira Fernandes
José Gregório do Carmo
José Libório Trancoso
Eng.º José Maria Nobre Santos
Júlio dos Santos Trindade
Luís Garcia Inácio
Luís Grau Tovar de Lemos
Luís Simões Aurélio
Capitão Manuel de Sousa Duarte Borrego
Rev. Paulo Eduardo Vallon
Paulo M. Maurício
Pedro Artur Afonso
Pedro Maria da Cruz Lopes
Dr. Raul Valentim Lourenço
Rui Alberto Martins Campos
Rui da Silva Paulo
Sigvald Wiborg
Vítor Manuel de Oliveira Nascimento
Wolfgang Karl

Sempre Pronto muito tem contribuído para inspirar a prática das actividades que caracterizam o Escotismo e fazer ressurgir o Espírito Escotista, sem o qual nenhuma unidade do nosso movimento pode ter existência profícua.

J. R. Moniz Silva

ANTIGOS ESCOTEIROS

O Conselho Nacional da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal

A reunião do Conselho Nacional dos Antigos Escoteiros de Portugal realizou-se, conforme já noticiámos no nosso penúltimo número, no dia 28 de Outubro p. p.. Presidiu à sessão o sr. Dr. Francisco Cortez Pinto, que foi secretariado pelos srs. António Xavier de Brito e Luís Simões Aurélio.

Estavam presentes antigos escoteiros que seguiram com interesse os trabalhos, que foram processados num ambiente de grande cordialidade.

O sr. Presidente da Direcção informou que a sr.ª D. Maria Luísa de Magalhães Esteves Pereira não estava presente, por se encontrar doente. Foi aprovado um voto de pronto restabelecimento desta nossa companheira, assim como do secretário da mesa e do vice-presidente da Direcção, srs. Luís Alves Miguel e Eduardo Quintino Pinheiro, ausentes pelo mesmo motivo, e ainda da sr.ª D. Henriqueta do Nascimento, igualmente enferma.

Continuando no uso da palavra, o sr. Dr. Eugénio Ramos congratulou-se por ver a presidir aos trabalhos o sr. Dr. Cortez Pinto, tendo-se aludido, em seguida, a certos factos que provocaram dissídios entre alguns dos componentes da Fraternal. A este respeito, convidou esses companheiros a esquecerem esses desentendimentos, a fim de que a Fraternal possa tornar a ser o ponto de reunião dos antigos escoteiros, para satisfação e comunhão de todos.

Tendo começado a tecer considerações sobre o relatório da Direcção, explicou os motivos por que se tinha prolongado o mandato da Direcção a que preside e a razão por que ainda ficaria em exercício até o fim do ano.

Na votação das propostas finais foi guardado um minuto de silêncio em memória do insígne dirigente, o saudoso chefe sr. dr. Tovar de Lemos.

Em seguida, foram aprovados votos de agradecimento à comissão de Senhoras que ofereceu um estandarte à Fraternal, ao Ateneu Comercial de Lisboa, ao sr. Correio-Mor, à Imprensa e à Rádio, aos Parodiantes de Lisboa e ao seu colaborador Rui de Andrade, antigo escoteiro, à Direcção da A. E. P., aos companheiros srs. Rev. Eduardo Moreira, Ernesto de Sousa, Luís Simões Aurélio, Daniel Correia, Humberto Martins, Eduardo Xavier, Luís António dos Santos, João Patrício de Melo, António Pinto e Mário Luzano Leite. Foram também aprovados por aclamação votos de agradecimento a este jornal e ao chefe Ernesto Clímaco do Nascimento.

O Presidente do Conselho Fiscal, sr. prof. Aníbal Ramos, fez diversas apreciações ao Relatório, tecendo os maiores elogios à dedicação dos membros da Direcção, propondo um voto de louvor e agradecimento a este órgão da Fraternal, o qual foi aprovado por aclamação, tendo sido extensivo aos membros do Conselho Fiscal.

Depois de uma troca de impressões sobre problemas que se prendem com o desenvolvimento do Escotismo, entrou-se na última parte da ordem dos trabalhos, tendo sido eleitos por unanimidade os Corpos Gerentes para o biénio de 1965/66, que ficaram assim constituídos:

Conselho Nacional — Presidente: Dr. Francisco Cortez Pinto; 1.º Vice-Presidente: Rev. Eduardo Moreira; 2.º Vice-Presidente: D. Maria Luísa Magalhães Esteves Pereira; 1.º Secretário: António Francisco Xavier de Brito; 2.º Secretário: Luís Alves Miguel

Direcção — Presidente: Humberto Martins; Vice-Presidente: António Gonçalves; Secretários: Luís António dos Santos e Mariano Garcia Inácio; Tesoureiro: Ernesto Clímaco do Nascimento; Vogais: Wolfgang Karl e Júlio Almeida Nogueira.

Conselho Fiscal — Presidente: Eng.º José Maria Nobre Santos; Secretário: Amílcar G. Fernandes; Relator: Eugénio Ribeiro Nunes.

O sr. dr. Eugénio Ramos agradeceu a forma simpática e afável como o sr. dr. Cortez Pinto tinha dirigido os trabalhos, propondo um voto de louvor, que foi aprovado, aos membros da mesa do Conselho Nacional.

Aproveitando o ensejo, ofereceu ao sr. dr. Cortez Pinto uma placa do Acampamento Nacional do Jubileu e um emblema de pano do acampamento dos antigos escoteiros.

Por decisão do Conselho Nacional, foi enviado um telegrama ao sr. Eng.º Jorge Pereira Jardim, que, embora se encontrasse na capital, não pôde estar presente naquela reunião.

A Fraternal dos Antigos Escoteiros, no seu Conselho Nacional, agradeceu às senhoras que lhe ofertaram os estandartes

Tendo sido enviado à sr.ª D. Florinda Pinto de Almeida Ribeiro Nunes, esposa do nosso companheiro sr. Ribeiro Nunes, um ofício, cuja publicação nos é solicitada, gostosamente o transcrevemos com as palavras que o acompanham:

O Conselho Nacional desta Fraternal, reunido em 28 de Outubro findo, aprovou por unanimidade, a proposta da Direcção contida no seu Relatório, como segue:

Manifestar o nosso reconhecimento às senhoras que tiveram a iniciativa de oferecer um estandarte à nossa Fraternal.

Ao aprovar muito justamente esta proposta e tendo presente o facto de ter sido V..., a promotora desta iniciativa que à sua volta congregou a boa vontade das restantes senhoras que constituíram a Comissão, resolveu o Conselho Nacional dar-lhe conhecimento solicitando-lhe o especial favor de, junto das referidas senhoras, ser a intérprete do nosso maior apreço por tão simpática manifestação de carinho pela nossa Fraternal.

Com os nossos afectuosos cumprimentos, somos «Sempre Prontos» pela Mesa do Conselho Nacional. (a) Luís Simões Aurélio, servindo de Secretário.

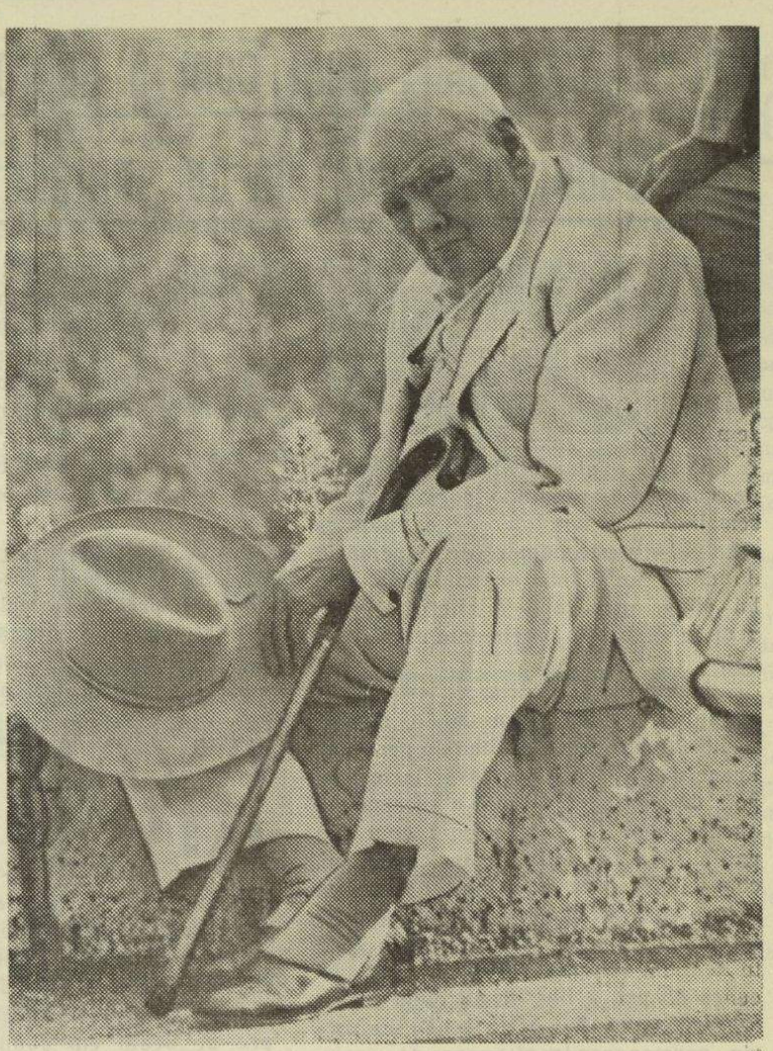
●

Cumprindo este grato desejo, a todas as senhoras envio por esta forma o testemunho do ofício recebido, pelo tão pouco que fizemos, a não ser pela oferta do padrão bendito, que, pelos tempos fora, marcará uma etapa gloriosa do quanto pode o escotismo, até ao ponto de nos fazer verdadeiras escoteiras, com duas excepções, nesta comissão, pois já o eram, da mais fina água.

Ao jornal *Sempre Pronto*, por esta gentileza, ficam-lhe gratas as «escoteiras», que, não tendo prestado o seu compromisso de honra pessoal, aceitaram ao casar o compromisso feito pelos seus maridos.

WINSTON CHURCHILL

UM GRANDE ADMIRADOR DE BADEN-POWELL E DO ESCOTISMO



O falecimento de Churchill encheu de tristeza todos os homens sinceros, sejam quais forem as suas opiniões ou nacionalidades. Todos vêem nele o Homem extraordinário que na hora mais grave da história da sua pátria foi capaz de assumir a responsabilidade do Poder e aí pôr em evidência as mais raras virtudes humanas. Merece sobretudo a nossa admiração porque na defesa dos sagrados direitos da liberdade e independência se dispôs a tudo perder para não perder a honra. Nós, escoteiros, temos de trazer a nossa homenagem a Churchill porque reconhecemos que nele convergiam virtudes e energias que devem ornar um carácter verdadeiramente escoteiro: Amor da pátria, amor da humanidade, fidelidade ao cumprimento do dever, tenacidade, iniciativa, inteligência, vontade férrea e, até, generosidade e benevolência. Como se Escoteiro fosse, quis falar verdade ao povo e recusou-se a iludir os perigos graves que espreitavam a nação britânica, proferindo então as históricas e sinceras palavras: — «Nada mais lhes posso oferecer do que sangue, sacrifícios, suor e lágrimas... mas ao fim a vitória». E para aqueles que receavam a invasão das Ilhas Britânicas, também não ocultou o perigo, afirmando antes corajosamente: — «Não fraquejaremos nem fracassaremos, iremos até ao fim (...) defenderemos a nossa ilha a todo o custo, bater-nos-emos nas praias, bater-nos-emos nas pistas de aterragem, bater-nos-emos nos campos e nas ruas, bater-nos-emos nos montes, nunca nos renderemos». Era a alma de herói que falava e foi esse heroísmo que conduziu a Inglaterra à vitória e libertou o mundo do pesadelo da tirania e do materialismo nazista.

O carácter de Churchill revela-se bem nesta sua frase: — «Na guerra: Decisão; na derrota: Altivez; na vitória: Magnanimidade; na paz: Boa Vontade». Eis um padrão de vida bem próprio de um espírito escoteiro.

Não admira, pois, que um Homem desta fibra fosse admirador do Movimento que visa formar homens capazes de bem servir; bem servir a pátria, bem servir a humanidade. Através da história, a figura de Churchill erguer-se-á sempre como paradigma válido para todos aqueles que queiram nortear suas vidas pelo ideal de bem-servir. Prestemos, pois, a nossa sentida homenagem ao estadista de génio e façamo-lo escutando as suas próprias palavras acerca de B.-P. e do Escotismo:

* * *

Nenhuma grande batalha sobre o inimigo ganharam os três maiores generais que conheci: entretanto, os seus nomes, que começam por um «B», vivem em todas as bocas. Quem não conhece um Botha, um Baden-Powell, um General Booth? Ao General Booth devemos o Exército de Salvação, a Botha a África do Sul, e a Baden-Powell o Movimento Escoteiro.

Num Mundo tão inconstante, ninguém pode estar certo de muitas coisas. Parece, todavia, que com dois ou três séculos e, talvez, por muito mais tempo ainda, aquelas três criações da nossa época serão sempre os monumentos comemorativos da glória dos seus fundadores, lembranças mais perduráveis do que os monumentos de bronze ou de mármore, por isso que tais instituições continuarão a formar e a dirigir a vida e o pensamento das gerações.

Lembro-me, perfeitamente, da primeira vez que vi o herói deste ensaio, aquele que hoje é Lorde Baden-Powell. Tinha ido com o meu regimento a Meorut para disputar a Taça de Cavalaria. Era uma dessas ocasiões em que se reuniam todas as associações desportivas, todos os círculos da sociedade que formavam o exército britânico aquartelado na Índia. À noite, um grupo de amadores representava um *vaudeville* diante de numerosa assistência. A cena principal da peça desenrolava-se em torno de uma dança muito saltitante que dançavam, cantando, uma jovem sedutora e um oficial da guarnição, que envergava, para o acto, o brilhante uniforme dos *Hussards* austríacos. Tenente moço, havia eu tomado o meu lugar nas galerias; impressionou-me a qualidade dos actores, valendo-lhes por certo a representação o que de melhor se encontra nos nossos «music-halls».

«É B.-P. — disseram-me — um homem surpreendente! Ganhou a Taça Kader, conquistou outras famosas ainda!» Todos viam nele um soldado de futuro, com bela carreira na sua frente; mas, que diabo! um oficial superior dar assim de pernas em presença de tantos subalternos! Tive a sorte de, antes de encerrar o torneio de pólo, travar conhecimento com essa celebridade, dotada de tão variadas qualidades. Três anos depois tive um novo encontro. A ocasião e a cena eram bem diferentes! O exército de Lorde Robert acabava de entrar em Pretória; o General Baden-Powell, recém-libertado em Mafeking após um sítio que durara 217 dias, fora incumbido de levar o relatório ao Comandante em Chefe: uma cavalgada de trezentos a quatrocentos quilómetros através do Transvaal Ocidental. Quis entrevistá-lo para o «Morning Post» e obter dele uma impressão de primeira mão sobre a sua extraordinária defesa.

Cavalgámos, lado a lado, durante pelo menos uma hora e, desde que se decidiu a falar, foi de magnífica eloquência. Fiquei entusiasmado com a narração que me fazia com evidente prazer. Esqueci os pormenores, mas o telegrama que dirigi ao jornal ocupou mais de metade de uma coluna. Antes de o expedir,

Segue na página 15

Não é este mar, nem com o dobro da sua ferocidade, que nos há-de meter a pique

AVANTE, RAPAZES!
SALVEMOS OS DESGRAÇADOS

Por Eugénio Ribeiro Nunes

Nos meus primeiros anos de escoteiro, o Coronel Sr. Miguel Garcia, que foi o Presidente do meu Grupo, o 83, ofereceu-me, um livro, que guardo como jóia preciosa no qual, entre muitos episódios históricos, nos relata o valor sem par do Patrão Joaquim Lopes.

E' uma página brilhante da história de quantos têm lutado para salvar o semelhante, e que ofereço a todos os escoteiros, neste número de aniversário do único jornal da especialidade, que há vinte anos também heròicamente vem lutando pelo movimento em Portugal.

Joaquim Lopes: Nasceu este benemérito marinheiro, em Olhão, no dia 19 de Agosto de 1800, filho do pescador Francisco Lopes e de Rosa Maria. Depois de aprender a ler e a escrever, e apenas com 10 anos, seguia com seu pai a vida da pesca, mas, crescendo, com ele cresceu a ambição de ter um caíque com que pudesse dedicar-se mais largamente à pesca por sua conta. Neste sentido, foi para Gibraltar, com licença do pai, a fim, de ali obter maiores proventos. Mas a sorte não lhe sorriu, permanecendo aí apenas 11 meses, voltando para Olhão. Foi, então, para Paço de Arcos, trabalhar nas canoas de pesca e aí se dedicou, com a maior perseverança, ao estudo da barra de Lisboa, chegando a conhecer todos os baixios e cachopos da entrada do porto, tornando-se, pela sua honradez, lealdade e trato afável, qualidades que todos os escoteiros devem possuir, o ídolo dos seus companheiros da arte da pesca. Em 1820, aceitou o lugar de remador da falua do Bugio, lugar pago pelo Estado, e, pelos seus conhecimentos da barra e da própria costa, demonstrou a sua grande aptidão de marinheiro e a coragem nas maiores dificuldades dessa navegação ribeirinha.

Foi a 29 de Julho de 1823, que a sua coragem e energia se manifestou com celebridade. Assistia a uma festividade religiosa, na Quinta do Areeiro, que fica próxima à foz da ribeira de Oeiras, e que, nesse dia, se encontrava obstruída pelas areias, formando pela terra dentro larga e funda lagoa, quando entre o povo se pronunciou grande alarido. E' que um homem que pretendia atravessar a lagoa, com uma criança às costas, vendo-se em perigo de afogar-se, largou a criança, que era seu irmão, para se salvar a si próprio. Então Joaquim Lopes, sem mesmo se despir, lançou-se à água e mergulhou no meio do maior silêncio e terror dos espectadores de tão trágica cena, até que apareceu à flor da água, nadando com uma das mãos e segurando com a outra a criança. Deixando esta entregue aos cuidados das pessoas presentes, novamente se lançou à lagoa, indo salvar o irmão mais velho, prestes o afogar-se. Poucos dias depois, salvava um cabo de artilharia que, próximo da Torre do Bugio, se via em perigo, quando pretendia passar de uma cabeça de areia para a Torre, facto que mais tarde se voltou a verificar com um sargento da guarnição, a quem também salvou.

Em 18 de Maio de 1853, morreu o patrão da falua do Bugio, cujo lugar devia ser preenchido pelo remador mais antigo, mas a guarnição pedia unânimemente que fosse Joaquim Lopes o preferido. Assim foi, porque o governador da Torre, conhecedor e grato aos serviços prestados pelo valente marinheiro, deu-lhe a posse do lugar. Desde então, mais actividade mostrou pelo serviço que estava encarregado e, sempre de óculo em punho, espreitava a ocasião de salvar os náufragos. Em 16 de Fevereiro de 1856, pelas três horas e meia da madrugada, encalhou no baixio do Alpeidão a escuna inglesa «Howard Primorose», no meio das ondas encapeladas e, mais um ensejo se dava para o benemérito Joaquim Lopes pôr à prova a sua coragem. Quando o tiro da peça deu sinal de socorro, já ele chamava os seus remadores, gritando: *Vamos salvar os nossos irmãos!* Acrescentando: *O mar é muito, rapazes, mas os homens a quem Deus dá coragem têm tanta força como ele.* A falua largou, voando em socorro dos marinheiros ingleses, mas não podia navegar sobre o baixio, vindo a escuna a ser destruída pelo mar embravecido e os desgraçados náufragos, trepados nas enxárcias, implorando socorro. Então Joaquim Lopes vai rápido a Paço de Arcos e, levando uma pequena lancha sua, chegando quando o navio já se encontrava despedaçado e os homens da guarnição, agarrados aos destroços, lutando com as vagas. Os remadores hesitam, sem se atreverem a afrontar o perigo naquela casca de noz, mas Joaquim Lopes anima-os e, apontando para o local do perigo, diz-lhes: *Não é este mar, nem com o dobro da sua ferocidade, que nos há-de meter a pique. Avante rapazes! Salvemos os desgraçados!* A sua voz e as palavras de fé com que os animava, lembrando-lhes a Senhora da Guia, esperança dos marítimos, dá coragem aos marinheiros e o frágil barquinho, saltitando sobre as ondas, consegue recolher o capitão e os cinco tripulantes.

Joaquim Lopes e os seus remadores foram agraciados pelo Governo Inglês com a medalha de prata de distinção e mérito e a Sociedade Real Humanitária do Porto também o premiou com a medalha de ouro e com a de segunda classe aos seus homens.

Em 1856, salvou, também, em Paço de Arcos, um homem em circunstâncias bem trágicas e aflitivas para ele, pois o náufrago, nas agonias da submersão, agarrou-se a ele, por tal modo que lhe paralisava os movimentos: ambos teriam morrido se três catraeiros lhes não têm acudido com presteza.

No fatal baixio do Alpeidão, encalhou em Fevereiro de 1858, de manhã outra escuna inglesa, a «British Quem», e Joaquim Lopes, logo que ouvia o sinal de socorro, seguido dos seus valentes remadores, embarca na sua canoazinha de pesca e vai em demanda dos náufragos. Desta vez, porém, a sua caridade não pôde ser completa, porque quando a canoa chegava junto do navio, este submergiu-se, podendo ser salvo apenas o capitão, sendo arriscadíssima a volta para terra: Mas um cão do navio que naufragara, já quase sem forças, é salvo nesse trajecto perigosíssimo. Quando descobriu que era um cão, Joaquim Lopes exclamou: *Não é um homem é um cão, mas também tem vida e é o mais leal amigo do homem!*

Mas a sua larga folha de salvamentos não havia parado. Mais tarde, naufragou o brigue francês «Estephanie», salvando quatro homens; em Fevereiro de 1862, encalhou e perdeu-se na Costa do Sol, o bergantim espanhol «Achiles», salvando toda a sua equipagem; logo a seguir, assiste-se ao naufrágio do iate português «Almirante», salvando toda a tripulação, etc. etc..

Além das condecorações já citadas, foi igualmente agraciado pelos governos espanhol, francês, brasileiro e português, tendo sido o próprio Rei D. Luís que, abraçando-o, lhe colocou no peito o hábito da Torre e Espada.

Os governos haviam esquecido, durante muito tempo, os relevantes serviços prestados por Joaquim Lopes, até que, um deles, mandou construir então, um salva-vidas com todos os melhoramentos modernos, dando-lhe o comando desse barco e a graduação de Mestre de Armada, com a respectiva gratificação que não agradou nem aos aos seus amigos nem à Imprensa que reclamavam uma recompensa em harmonia com os seus grandes serviços prestados à causa da humanidade. Por Decreto-Lei de 23 de Agosto de 1866, o Visconde da Praia

Segue na pág. 19

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

No princípio do ano passado desejámos que o 20.º ano de publicação do nosso jornal proporcionasse uma renovação dos seus quadros directivos e redactoriais, tanto mais que aqueles há já vinte anos consecutivos asseguram a regular saída de «Sempre Pronto».

Não foi possível realizar esse plano porque escasseiam os colaboradores, no entanto, o projecto permanece de pé porque esse *render da guarda*, como então lhe chamámos, é absolutamente necessário para que a vida do jornal se possa desenvolver promissora no futuro. O jornal é de juventude e precisa, portanto, de jovens que lhe dêem vida, vibração e entusiasmo.

Director-Adjunto de «Sempre Pronto»

Joel Ribeiro há vinte anos que dá todo o seu esforço para que «Sempre Pronto» mantenha regularmente a sua publicação. O seu labor literário é digno dos maiores louvores e os seus escritos são sempre acolhidos com apreço pelos nossos leitores. Para regular uma situação que de facto já existe, a partir do presente número passa a ocupar no nosso Corpo Directivo o cargo de Director-Adjunto. Desta forma prestamos justiça à muita dedicação de Joel Ribeiro e asseguramos a «Sempre Pronto» a possibilidade de uma acção eficiente na sua Direcção por uma maior responsabilidade de um dos seus principais elementos. Em alguns números que se seguirão, porque os cabeçalhos se encontram já impressos, o nome do nosso Director-Adjunto aparecerá ainda como Redactor Principal, do que pedimos desculpa.

Serviços da Redacção

Para igualmente assegurar uma maior eficiência dos nossos serviços de reportagem, prontificou-se a dar uma mais ampla cooperação o nosso redactor Mariano Garcia, que já connosco colabora há muitos anos e nos tem prestado bons serviços. A partir de agora, a reportagem das actividades escoteiras de Lisboa fica inteiramente a seu cargo, o que vai permitir um mais regular noticiário das actividades. Na execução destes serviços de reportagem, Mariano Garcia será coadjuvado pelo nosso antigo colaborador Ernesto Clímaco do Nascimento.

Administração

O espinhoso trabalho de administração cai inteiramente sobre os ombros do nosso companheiro Capitolino Ferreira Macedo, que há 20 anos o executa dedicadamente. Também aqui seriam precisos novos elementos para uma acção de maior divulgação do jornal. O nosso redactor Mariano Garcia presta agora a sua ajuda nos serviços de publicidade, departamento cujo desenvolvimento poderia permitir uma maior amplitude do nosso jornal.

Esperamos que outros colaboradores venham até nós para dar a sua ajuda neste trabalho, o que nos permitirá mais profundas remodelações de serviços até que seja possível a indispensável substituição dos seus directores.

Concurso de Jornais de Patrulha

A fim de permitir uma mais completa participação de patrulhas neste concurso, foi resolvido prorrogar o prazo para a recepção de um exemplar dos jornais de patrulha até ao dia 15 de Março p. f.

Assim, têm os rapazes das nossas patrulhas, e também das do Corpo Nacional de Escutas que nos queiram dar esse prazer, um maior lapso de tempo para prepararem o seu jornal e no-lo enviarem.

Escusado será dizer que uma patrulha só poderá dar mostras do seu valor e do espírito de iniciativa dos seus rapazes através de realizações como a da elaboração do jornal de patrulha. Sabemos que, através do nosso País, muitos são os rapazes dos grupos de escoteiros que possuem condições mais que suficientes para levarem a cabo uma actividade deste género. O que é preciso é deitar mãos à obra.

Não é necessária grande bagagem literária para isso. Basta um pouco de entusiasmo e de imaginação e seguirem, por exemplo, os conselhos que *Sempre Pronto* forneceu nos n.os 80 e 168/169.

Este concurso abrangerá todos os jornais de patrulha, editados este ano, e de que nos seja enviado um exemplar até 28 de Fevereiro p. f., como acima dissemos. Todos os processos servem: impresso, copiografado, mimeografado, dactilografado, por decalque, escrito à mão. O valor do jornal estará no seu conteúdo, tanto no aspecto literário e artístico, como no seu interesse escotista.

Guias: mãos à obra!

PRÉMIOS

1.º Prémio — Uma marmita individual, oferta que a casa Vieira Campos em tempos fez para o Concurso «Escalpe de Ouro», prémio que não foi atribuído. Um exemplar do manual «Mais Além». Duas excelentes biografias. Uma assinatura de «Sempre Pronto» para o Guia da Patrulha durante um ano.

2.º Prémio — Um exemplar do manual «Mais Além». Duas excelentes biografias. Uma assinatura de um ano de «Sempre Pronto», para o Guia da Patrulha.

3.º Prémio — Um exemplar do manual «Mais Além». Uma excelente biografia. Uma assinatura de um ano de «Sempre Pronto», para o Guia da Patrulha.

4.º Prémio — Um exemplar do manual «Mais Além». Uma excelente biografia. Uma assinatura de um ano de «Sempre Pronto», para o Guia da Patrulha.

5.º e 6.º Prémios — Um exemplar do manual «Mais Além». Uma excelente biografia.

Mais 4 Prémios — Um exemplar do manual «Mais Além».

Variações sobre o fado

Seguimento da página 2

são cheia de harmonia, concordo. Que nem toda a letra dos fados fala de desgraças e mortes, concedo. Mas que se queira partir daqui para fomentar o desejo de o fado ser «canção nacional», isso é que me parece desacertado. Confrange (quando não indigna) a forma como locutores radiofónicos costumam anunciar nas festas populares que vai seguir-se uma sessão de «fado», tantas vezes depois de se ter ouvido uma série de canções cheias de alegria e optimismo, que é o que deve reinar em tais espectáculos. E depois do garganteio, mais ou menos melodioso, duma cantadeira em cuja voz «o fado foi fado» *(sic!)*, é ainda mais confrangedor ouvir os frenéticos aplausos dum público que, muitas vezes, se esquece de aplaudir condignamente um cantor de alto merecimento, para o fazer com exuberância perante qualquer moça de voz irritante, apenas porque cantou o «fado».

Não, meus senhores, não! *Est modus in rebus*, como dizia o poeta latino há dois mil anos. Ouçam e apreciem o «fado» os seus devotos, que isso é lá com eles e gostos não se discutem. Há muita gente que admira (ou diz admirar) as palhaçadas de Salvadór Dali. Se eu lhes prefiro a arte suprema de Velásquez, de Leonardo e de Goya, isso é com o gosto e a educação estética de cada um. Já dizia Voltaire (creio que foi ele) que *le beau pour le crapaud c'est sa crapaude...*

O que não pode nem deve passar em julgado é que se continue a apregoar o «fado» como *canção nacional*, como se pudesse admitir-se, como síntese das nossas qualidades, expressão do nosso sentimento, símbolo da nossa raça, uma «canção de vencidos».

O Velho Lobo Negro do Norte
E. C. D.

DE AMIGOS DE «SEMPRE PRONTO»

DE LUTO — Pelo falecimento do seu cunhado sr. Major Horácio de Jesus Pimentel, ocorrido em 11 de Fevereiro corrente, encontra-se de luto o nosso estimado amigo sr. dr. Francisco Cortez Pinto, presidente do Tribunal de Honra dos Escoteiros de Portugal, a quem apresentamos sentidas condolências.

HOMENAGEM DA SAUDADE

Um jornal, com as características de «Sempre Pronto», resulta sempre dos esforços conjugados de um núcleo de boas vontades, as quais, com a sua actividade, nenhum outro objectivo têm em vista que não seja o ideal por que se apaixonaram.

Esta comunhão de sentimentos faz nascer, entre todos os que nessa obra estão implicados, um espírito de confraternização que, com o dobar dos anos, acaba por fazer a transformação desse conjunto numa verdadeira família.



Manuel Ferreira

E' por este motivo que, no momento em que festejamos o XX Aniversário, não queremos deixar de ter uma palavra de muita saudade para com aqueles queridos companheiros que a dura lei da morte inibiu de se alegrarem connosco nestes actos comemorativos. E não queremos deixar de os lembrar nesta oportunidade, porque efectivamente estão presentes neste jornal. Não fora a sua dedicada colaboração e o lançamento e a continuidade de «Sempre Pronto» não teriam sido possíveis.

Porque não teríamos meios de referir todos quantos, entre os nossos colaboradores, deram o seu concurso e esforço a este jornal, registamos o nome daqueles que, de forma mais directa, colaboraram nos trabalhos de «Sempre Pronto».



Belo Redondo

Lembramos, assim, em primeiro lugar, por ser aquele de que há mais tempo sentimos a separação, Carlos Fernando Garcia, um jovem empreendedor e activo, de cuja inteligência e capacidade de trabalho muito haveria a esperar, se não fosse o mal que o atacou e tão prematuramente o roubou ao nosso convívio.

Ernesto Belo Redondo, conceituado jornalista, o qual, embora ocupado por uma actividade constante e absorvente, nunca negou a sua desinteressada colaboração nas muitas vezes em que a solicitámos. E' outro nome que está intimamente ligado à vida deste modesto jornal.

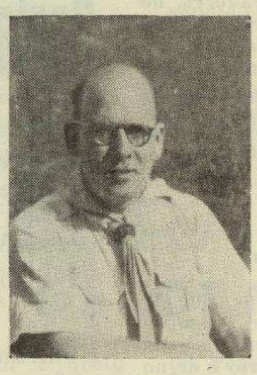
David de Barros, um homem que, lá longe, no Brasil, foi um dos mais entusiastas elementos com que este jornal pôde contar. Passados tantos anos sobre o seu passamento, a sua ausência continua a ser um sentimento constante em todos quantos aqui trabalham, por já não poderem contar com o estímulo que as suas palavras de ânimo e o seu trabalho eficaz representavam.

Faustino Leitão, o amigo devotado, o estudioso aplicado, foi uma das traves mestras do edifício de «Sempre Pronto» cuja falta mais se fez sentir. Trabalhador denodado, alma nobre, dada a tudo que pudesse elevar moral e intelectualmente o Homem, a sua morte não só foi uma dolorosa experiência, como também a perda de um dos nossos mais activos e cotados colaboradores.

Por último, temos a lamentar o inesperado desaparecimento de Manuel Ferreira, na própria ocasião em que julgávamos estar prestes a contar com a sua presença entre nós, após prolongada estadia em terras de Timor. Era um escritor incansável. Ainda hoje possuímos alguns trabalhos inéditos da sua autoria que, a pouco e pouco, estamos publicando, o que torna real e efectiva a continuação da sua presença nas colunas deste jornal.



Carlos F. Garcia



David de Barros



Faustino Leitão

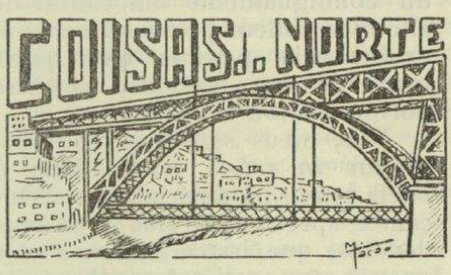
O momento que atravessamos enche-nos de particular satisfação. No entanto, tal estado de espírito não nos impedirá de render uma sentida homenagem à memória desses saudosos amigos. Não esquecemos a sua preciosa colaboração, assim como jamais nos será possível olvidar a amizade que, através de tantas emergências, com eles mantivemos.

VINTE ANOS

Continuação da pág. 1

cooperação desses amigos, os quais constantemente nos distinguem com a generosidade das suas palavras de estímulo, como aquele estimado irmão escoteiro que, lá longe, em África, ainda há bem pouco afirmava: «*Se alguns momentos felizes tenho aqui, um deles é sempre que recebo o* «Sempre Pronto».

Que este jornal, ao encetar a nova jornada, tenha o privilégio de continuar a merecer a cooperação que tem sentido através destas duas décadas de existência, vendo adensar-se, à sua volta, aquele grupo de dedicações e boas vontades que são a melhor garantia da continuidade deste empreendimento, a bem do Escotismo Português.



Chefes de Núcleo

No passado dia 27 de Novembro, na casa do Delegado das Serviços Centrais da A. E. P. na região do Norte, foi levada a efeito a nomeação para os cargos de Chefes de Núcleo desta região. Depois de certas considerações e congratulações pelo facto acima apontado, foram nomeados os srs. Vidal Vieira dos Santos e Arnaldo Eduardo Couto para os Cargos de Chefes de Núcleo do Porto e de Vila Nova de Gaia, respectivamente.

O «Dia do Escoteiro» no Núcleo do Porto

Por iniciativa deste Núcleo, realizou-se no dia 1 de Dezembro o «Dia do Escoteiro» na sede do Grupo n.º 15.

Aberta a sessão pelo Chefe do Núcleo Sr. Vidal dos Santos, usou da palavra o Chefe dos Serviços Administrativos do Grupo n.º 15, sr. Jorge Fernandes, que historiou, desenvolvidamente, a passagem do ano de 1640 e as figuras mais célebres que, naquela época, contribuíram para a Independência de Portugal. Todos os Escoteiros deste Núcleo, bem como elevado número de pessoas amigas e das famílias dos escoteiros, ouviram com bastante interesse aquele conferente, que foi saudado com bastantes palmas e um grande «Bravo»!, por todos os rapazes.

Finalmente, foram ditas, pelo Chefe do Núcleo, algumas palavras de apreço a todos os presentes, focando muito especialmente os escoteiros, para que, de todos eles, saísse um punhado do rapazes tão bravos como aqueles homens que, com grande sacrifício, lutaram por um Portugal maior. Ainda lembrou os escoteiros que, sendo hoje soldados, se encontram nas Províncias Ultramarinas, lutando, corajosamente, para que Portugal continue indivisível.

Grupo N.º 4

Para fecho das actividades de campo no presente ano, levou este Grupo a efeito o «Bivaque de encerramento», no dia 8, que decorreu no meio da maior alegria e de grande confraternização escotista. — C

SERVIÇOS CENTRAIS

II PARTE DO REGULAMENTO GERAL

Cumprindo a promessa feita de prosseguir na publicação do Regulamento Geral, a Direcção da A. E. P. fez recentemente publicar as provas de 3.ª, 2.ª e 1.ª classes, bem como as de Escoteiro da Pátria, em trabalho que, embora feito a copiógrafo, se apresenta com bom aspecto e nos parece bem elaborado.

Na apresentação, diz-se que estas Provas se afastam, nalguns pontos, das provas tradicionais e que se teve em vista torná-las mais atraentes, movimentadas e com maior apelo ao espírito de aventura. Procurou-se ainda aproximá-las do «Escotismo para Rapazes» e ajustá-las, na medida do possível, aos planos da formação de chefes.

Sinceramente saudamos o novo espírito que preside à organização das provas de classe para escoteiros, parecendo-nos que não há que hesitar no caminho traçado e que haverá toda a vantagem em ir mesmo mais longe.

O essencial ao Escotismo não são as técnicas, mas os seus princípios fundamentais com vista a alcançar finalidades na educação e preparação dos novos para as responsabilidades da vida. O Escotismo visa formar cidadãos úteis e prontos a servir. As técnicas são os meios de atingir esses fins, partindo de bases fundamentais. É, portanto, naturalíssimo que essas técnicas vão sofrendo as modificações que a experiência aconselhe e sejam constantemente adaptadas à época em que vivemos.

Nas provas primitivas, por exemplo, B.P. falava-nos na forma de conduzir um cavalo, de o refrear, etc. Hoje a tracção animal não tem a influência daquelas épocas. Vivemos na era do motor; é o automóvel que tem grande influência na vida social.

Seria interessante que as novas provas inclusíssem, para os Lobitos, o conhecimento das regras de trânsito, da forma prática de circular nas ruas e estradas, até porque isso é essencial às actividades escoteiras. Teria um alto sentido educativo se tais provas fizessem parte das «estrelas» do lobito.

Os escoteiros deveriam ir mais longe. Além daqueles conhecimentos, deveriam saber os sinais de trânsito; algumas regras da circulação automóvel; como travar de emergência um automóvel em caso de doença súbita de um motorista; primeiros socorros em acidentes de automóvel, etc. Como especialidade, poderia ser criada a insígnia de «sinaleiro». O escoteiro estaria apto a, em caso de emergência, colaborar com a polícia na orientação do tráfego nas ruas da cidade. Para a instrução daquelas provas poderia ser solicitada a colaboração do Automóvel Clube de Portugal e, para a instrução desta especialidade, a cooperação da Secção de Trânsito da P. S. P.

Estamos certos de que ambas entidades estariam prontas a prestar o seu valioso auxílio a tão altos objectivos.

Os caminheiros teriam neste campo utilidade ainda mais vasta. Dada a circunstância da sua actividade se realizar nos campos e cruzarem, portanto, constantemente as nossas estradas, deveriam ser instruídos não só em primeiros socorros em acidentes de trânsito, mas em mecânica, de forma a poderem prestar pequenos auxílios a motoristas menos experientes. Muitas vezes um carro fica imobilizado na estrada por insignificantes avarias que um condutor menos experiente não sabe reparar. O Caminheiro teria aí ocasião de fazer a sua B. A. se para isso tivesse recebido uma instrução elementar de mecânica. Seria um serviço que conquistaria muita simpatia para o Escotismo e que os nossos rapazes gostariam de prestar.

As provas agora publicadas encontram-se em vigor em regime de experiência e a Chefia-Geral espera receber sugestões de todos os Dirigentes e daqueles que lhe possam enviar os seus pareceres. O plano esboçado atrás é uma sugestão que, naturalmente, carece de estudo. Outras ideias poderão ser ali levadas. Tudo quanto se fizer para tornar mais actuais e interessantes as provas de classe é trabalho que poderá contribuir para uma nova vida do Escotismo em Portugal.

Dispõe de tempo para pensar
É a fonte do poder.
Dispõe de tempo para brincar
É o segredo da perpétua juventude.
Dispõe de tempo para ler
É o segredo do saber.
Dispõe de tempo para orar
É o maior poder da terra.
Dispõe de tempo para ser amado
É um privilégio dado por Deus.
Dispõe de tempo para ser amável
É o caminho da felicidade.
Dispõe de tempo para amar
É a música da alma.
Dispõe de tempo para dar
O dia é demasiado curto para se ser egoísta.
Dispõe de tempo para trabalhar
É o caminho do êxito.

Autor desconhecido
Trad. do Boletim da «Internacional Fellowship»

BANDEIRA NACIONAL

Pela Direcção-Geral de Administração Política e Civil foi emitido, em 19 de Março de 1959, um ofício, Processo Z-1/10, com o seguinte parecer, que julgamos do maior interesse para os Grupos de Escoteiros:

1.º — Não existe qualquer diploma que regule o uso da Bandeira Nacional.

2.º — No entanto, tem-se entendido:

a) Que não deve consentir-se que qualquer colectividade particular adopte como seu símbolo, bandeira ou estantandarte que se possa confundir com a Bandeira Nacional;

b) Que não é lícito o seu emprego para ornamentação ou reclamo de estabelecimentos comerciais, quiosques, barracas de feira, casas de penhores e de leilões, etc.;

c) Que não se justifica que seja hasteada em sinal de luto, fora das ocorrências que motivem luto nacional;

d) Que não há inconveniente em que os particulares a hasteiem nas fachadas dos seus prédios, nos domingos, feriados e dias festivos.

Aos amigos de "SEMPRE PRONTO"

UM APELO

«Sempre Pronto» inicia um novo ano com sérias dificuldades a vencer. Os encargos de publicação agravaram-se. A impressão do jornal é hoje mais cara em virtude de um recente aumento de salários. Embora este facto nos ocasione embaraços, temos de reconhecer que as exigências da vida justificam plenamente o benefício feito à laboriosa classe dos gráficos.

Por outro lado, os Correios têm vindo a agravar constantemente os encargos das cobranças. Os pequenos jornais não podem dispensar os serviços postais para cobrança das suas assinaturas, pelo que o aumento de despesas neste sector lhes ocasiona situações difíceis. Parece-nos mesmo que a digna Administração dos Correios se não apercebe das dificuldades que tais agravamentos trazem à pequena Imprensa que tão importantes serviços presta ao País.

Pretende a Direcção de «Sempre Pronto» que o preço do jornal se mantenha acessível a todas as bolsas, para que a sua aquisição seja possível à mocidade, que poderá encontrar aqui cultura e educação. Mas para manter o preço das assinaturas, só encontramos duas soluções: 1.ª — O aumento do número de assinantes; 2.ª — O alargamento do sistema de assinaturas de patrocínio, espontâneamente aceites por todos aqueles a quem não faça demasiado transtorno o pagamento de um mínimo de esc. 30$00 por ano ou seja apenas 2$50 por cada número do jornal. Estamos convencidos de que muitos amigos estão prontos a subscrever voluntàriamente este compromisso, sòmente não encontraram ainda oportunidade para escrever um simples bilhete postal.

Qual é, portanto, o nosso apelo?

1 — Que todos aqueles que sintam desejo de nos ajudar nas presentes dificuldades nos remetam imediatamente a sua adesão voluntária como «Assinantes Patrocinadores».

2 — Que cada um dos nossos leitores faça a diligência de entre as suas amizades conseguir *um só assinante*. Certamente que cada um de nós tem um amigo que está pronto a atender o nosso pedido para que assine o jornal dos escoteiros. Haverá alguém que não tenha um amigo capaz de atender um pedido desta natureza?

Se este nosso apelo não encontrasse eco — o que não acreditamos — teríamos de enveredar pelo aumento do preço das assinaturas.

A DIRECÇÃO



DIÁLOGO

O nosso saudoso amigo e colaborador Manuel Ferreira, que viverá para sempre nas nossas recordações, continua presente nas páginas deste jornal, o que prova o seu labor infatigável e a enorme dedicação ao Escotismo.

— Não me fales na fleuma britânica. Vou contar-te um caso muito curioso...

— Ora dize lá. Sou todo ouvidos.

— Certo sábado, ao meio-dia, um inglês recebeu, no seu escritório, um telegrama comunicando que havia tido sério revés na sua fortuna — um dos seus navios afundara-se com a carga. Sabes o que observou o nosso amigo?

— Não faço a menor ideia...

— Pois o fleumático inglês exclamou apenas: *São horas de fechar o escritório. Que grande preocupação eu vou ter na próxima segunda-feira.*

— Essa é muito boa e caracteriza bem a impassibilidade dos nossos velhos aliados. Mas sei outra ainda melhor...

— Melhor do que esta que te acabei de contar? Deve ser difícil...

— Não tanto como tu julgas. Ora ouve:

— Sou todo ouvidos. Conta lá.

— No Outono de 1887, um inglês, *Sir* Draggs, tomou um trem de praça, com destino ao porto de Brighton, onde estava o seu iate. Ao chegar ao cais, disse ao cocheiro que esperasse. O homenzinho, claro está, obedeceu. *Sir* Draggs entrou no iate, que havia comprado pouco antes. Tão entusiasmado ficou que resolveu dar a volta ao mundo. E esqueceu-se do cocheiro...

— Claro está que o homem, a certa altura, foi-se embora...

— Isso é o que tu supões. Como *Sir* Draggs lhe tinha ordenado que esperasse, o cocheiro esperou...

— O quê? Esperou ali que o inglês desse a volta ao mundo?

— Nem mais. O cocheiro não arredou pé. Como passassem alguns dias, pediu autorização para construir um alpendre para ele e para o cavalo. A viagem de *Sir* Draggs durou um ano. E durante um ano esteve o cocheiro, no cais de Brighton, à espera. Até que, certo dia, o iate voltou.

— E *Sir* Draggs, ao ver o cocheiro, ficou furioso...

— Isso sim. O recém-chegado avistou o cocheiro e, com a mais perfeita calma deste mundo, disse-lhe: *Muito bem. Quanto devo?* E o cocheiro indicou-lhe a importância em dívida.

— E o inglês pagou?

— Certamente. Deu-lhe um cheque. Depois, ordenou ao cocheiro: *Vamos para casa!* Ao chegar à residência e quando ia a subir as escadas, o cocheiro observou-lhe: *Desculpe, mas V. Ex.ª esqueceu-se de pagar a corrida desde o cais até aqui...*

— E o inglês claro está que pagou...

— Sem dúvida alguma. Pois se o cocheiro estava dentro da razão... Contas são contas. E com a mesma fleuma de sempre, *Sir* Draggs deu ao cocheiro mais uns xelins...

MANUEL FERREIRA

TERTÚLIA DE ANTIGOS ESCOTEIROS

7.º Aniversário da Secção Filatélica

A tertúlia da Fraternal de 23 de Fevereiro corrente, realizada como de costume na Rua de S. Paulo, em Lisboa, foi dedicada a comemorar o 7.º aniversário da Secção Filatélica da mesma, trabalho a que se tem consagrado o nosso companheiro Ernesto Clímaco do Nascimento. Estiveram presentes os seguintes companheiros srs. Humberto Martins, Júlio de Almeida Nogueira, António Pinto, Rev. Eduardo Moreira e esposa; sr.ª D. Lucinda Castro Pacheco, Luís Simões Aurélio e esposa; Eugénio Ribeiro Nunes e esposa; Capitolino F. Macedo, dr. Eugénio Henriques Ramos, João Henriques Pereira Soares, António Augusto da Silva e Cunha, Wolfgang Karl, Ernesto Clímaco do Nascimento, Eduardo Quintino, Levi Augusto Lobato, Eduardo Ribeiro e esposa.

Como acto da antiga direcção, o sr. dr. Ramos, referiu-se no final ao aniversário da Secção Filatélica e anunciou que esta ia distribuir uma recordação deste acto, um interessante bilhete postal reproduzindo uma série de vinhetas escoteiras da autoria do sr. Humberto Martins, que teve depois a atenção de autografar todos os bilhetes postais distribuídos.

Foi uma reunião agradável que proporcionou ensejo de troca de impressões e de ideias entre todos os membros desta tertúlia.

10 preceitos contra o fumo

1. Não fumarás porque o fumo é teu inimigo; rouba-te a Saúde Física, Mental e Moral, e saca-te o dinheiro do bolso.

2. Não fumarás porque o fumo, pelos venenos que contém, provoca a inflamação das vias respiratórias.

3. Não fumarás, porque o fumo produz «a bronquite tabáquica» com catarro crónico.

4. Não fumarás, porque o fumo abre as portas para a tuberculose.

5. Não fumarás, porque o fumo age malèficamente sobre o aparelho cárdio-vascular, produzindo hipertensão arterial (pressão alta) e arteriosclerose.

6. Não fumarás, porque o fumo prejudica o aparelho digestivo, produzindo anorexia (falta de apetite), dispepsia (digestão) difícil, etc..

7. Não fumarás, porque o fumo é nocivo ao sistema muscular, produzindo tremores não só dos dedos como também da língua.

8. Não fumarás, porque o fumo produz, não raro, cancro no pulmão.

9. Não fumarás, porque o fumo ataca o sistema nervoso; prejudica os órgãos dos sentidos; é um veneno para a memória e a inteligência.

10. Não fumarás, porque o fumo não tem vantagem alguma para te oferecer; só te oferece desvantagens. Fumando, praticas suicídio lento, envenenas o ar que os outros respiram, dás mau exemplo aos teus filhos, etc.. Portanto, não fumarás.

Do livro «O FUMO E A SAÚDE»

Por erro de paginação, três páginas do presente número de «Sempre Pronto» levam a sua numeração errada. Pedimos desculpa do lapso.

O progresso avança através do esforço infatigável e do trabalho persistente em indivíduos abnegados, capazes de ser colaboradores de Deus. Sem este labor abnegado, o tempo converte-se em aliado das forças primitivas do estancamento social. Por isso, nós devemos ajudar o tempo e dar-nos conta de que o tempo é sempre favorável para fazer o que se deve.

Martin Luther King

Prémio Nobel da Paz

Uma grande jornada de confraternização

Almoço comemorativo do XX aniversário de "Sempre Pronto"

O almoço comemorativo do 20.º aniversário do *Sempre Pronto*, constituiu uma jornada de pura confraternização entre o valioso grupo de amigos que apoiam a publicação deste jornal.

Seria suficiente a amizade que esses camaradas escoteiros dedicam a esta publicação, se outros motivos não houvesse, para impor a continuação de *Sempre Pronto*. Esta foi a impressão que ficou a pairar nos espíritos de todos quantos tiveram a oportunidade de tomar parte neste acto comemorativo.



O sr. Dr. Eugénio Henrique Ramos, presidente em exercício da Direcção da Fraternal, profere a sua palestra. A seu lado, o presidente da mesa, sr. Com. Tengarrinha Pires



O sr. Humberto Martins, presidente eleito da Direcção da Fraternal, apresenta felicitações a «Sempre Pronto»

No magnífico Salão de Chá Imperium reuniram-se cerca de 50 convivas, sob a presidência do Escoteiro-Chefe-Geral, sr. Comandante Tengarrinha Pires, o qual tinha, à sua direita, os srs. dr. Eugénio Henrique Ramos, Humberto Martins e Rev. Eduardo Moreira, respectivamente presidentes em exercício e eleito da Direcção e vice-presidente do Conselho Nacional da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal; e à sua esquerda, os srs. Eduardo Ribeiro, director deste Jornal; Albano da Silva e Comandante Diogo Afonso, respectivamente Secretário-Geral e Tesoureiro-Geral da Direcção da Associação dos Escoteiros de Portugal.

O banquete foi servido no meio da maior cordialidade entre todos os presentes. Em determinada altura, o sr. Eduardo Ribeiro leu a correspondência recebida: telegramas dos nossos amigos sr. Gustavo Pereira da Costa, Miguel Bicho e António Augusto da Silva e Cunha, que saudavam o nosso Jornal, e uma carta do nosso estimado colaborador e amigo sr. Ernesto Clímaco do Nascimento, que explicava os motivos que o impossibilitavam de estar ali presente.

Foi depois dada a palavra ao sr. dr. Eugénio Ramos para proferir a sua alocução, subordinada ao tema «A Imprensa escotista, a verdade e o movimento escotista».

O orador começou a afirmar que a função primordial da Imprensa é a de defender a verdade, não a «verdade» de um jornal, a «verdade» de um núcleo ou de um movimento a que ele pertença, mas aquela Verdade que está ao de cima de todas essas verdades.

Continuando na exposição do seu pensamento, o conceituado dirigente escotista disse que, na sua vida, se tinha encontrado por duas vezes, de uma forma muito particular, com a verdade: a primeira vez, quando procurou aprender o primeiro artigo da Lei do Escoteiro; a segunda vez, quando, em vida de estudante, tomou conhecimento do conceito filosófico desse princípio.



Dois pioneiros do Escotismo em Portugal, Srs. Rev. Eduardo Moreira e Humberto Martins, desfiam as suas recordações

E prosseguiu: «A verdade é aquilo que o homem mais deve estimar; é o sacramento da palavra».

Desenvolvendo as suas considerações, o sr. Dr. Eugénio Ramos referiu-se ao papel da imprensa escotista, que deve ter, como lema principal, essa mesma

Continua na pág. 12

Uma jornada de confraternização

O almoço comemorativo do XX aniversário de "Sempre Pronto"

Continuação da pág. 11

verdade, acima de todas as intenções partidárias, sem preocupações de agradar a ricos ou a pobres, mas colocando o amor humano como base de toda a justiça e paz social. E disse: «Logo que o *Sempre Pronto* está certo de proceder assim, é porque está fazendo escolismo».

E o Dr. Ramos terminou desta forma a sua oração: «Ainda que haja muita gente que duvide da capacidade de transformar os homens, eu estou certo de que isso é possível. E a melhor maneira de o conseguirmos e a de sabermos que poderemos ser felizes desde que contribuamos com o nosso esforço para que o mundo se torne um pouco melhor».



Um aspecto da mesa do almoço

O orador, após a salva de palmas que sublinhou as suas últimas palavras, foi muito felicitado pelos presentes, não só pela propriedade das suas palavras, como também pelo cunho de sinceridade e pelo recorte elegante que lhes soube imprimir.

O nosso bom amigo, sr. Humberto Martins, falou, a seguir, para saudar o *Sempre Pronto* e lhe prometer a cooperação da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal.

Tomou a palavra, depois, o nosso estimado colaborador sr. Luís Simões Aurélio, que começou por dizer que não tencionava fazer quaisquer declarações; no entanto, era-lhe muito grato fazer uso da palavra sempre que se tratava de homenagear o *Sempre Pronto*. Referindo-se aos propósitos do jornal, os quais foram delineados no artigo de fundo publicado no seu primeiro número, de abrir as suas colunas a toda a juventude, disse que era extraordinário como se conseguiu, sempre com o mesmo corpo redactorial, manter a mesma chama, a mesma vibração, o mesmo ideal das primeiras horas.

O nosso colaborador recordou a maneira como se tornara assinante de *Sempre Pronto* e referiu: «Mal sabia eu o horizonte que perante mim se iria desdobrar com o simples facto de fazer a assinatura deste jornal».

Fez, depois, a seguinte pergunta: «Terá *Sempre Pronto* atingido o seu objectivo»? Como resposta a esta interrogação, terminou a sua intervenção, dizendo: «Pode a equipa deste jornal não se considerar satisfeita, mas quando pensamos que se atingiram vinte anos ao serviço da amizade, podemos afirmar convictamente que esses objectivos foram atingidos».

O Director de *Sempre Pronto* agradeceu, seguidamente, a presença desse grupo de tão distintos e brilhantes amigos, presença que tanto honrava o jornal.

«E' um jornal pequeno demais — disse — para tão grande comemoração. E' como traço de união entre tantos amigos que mais pode servir o jornal, porque há necessidade de estabelecer pontes». Afirmou que até mesmo aqueles que por vezes têm discordado do que se publicou são amigos. E é esta amizade, esta colaboração, este espírito de serviço que devem ser comemorados.

Terminou, agradecendo, em particular, a honrosa presença dos srs. Escoteiro-Chefe-Geral e Presidentes em exercício e eleito da Direcção da Fraternal.

O sr. Dr. Eugénio Ramos aproveitou o ensejo para homenagear *Sempre Pronto*, fazendo dele o objectivo do espírito que revelara no discurso que acabara de proferir, dizendo que lhe fazia oferta das suas palavras.

Usou, por último, da palavra o Escoteiro-Chefe-Geral, sr. Comandante Tengarrinha Pires, para manifestar o prazer que tivera em tomar parte naquele almoço.

Afirmou que manter um jornal durante vinte anos, sem qualquer interesse pessoal, é hoje um caso muito raro.

Disse ainda ser seu desejo que seja cada vez maior a colaboração entre o jornal e a Direcção da A. E. P., esta dando tudo o que for possível ao jornal, o jornal dando a maior colaboração que puder ser à A. E. P.. «E tou certo de que tal colaboração vai ser muito útil». E continuou: «Não é o jornal que tem de estar grato; nós é que devemos agradecer o trabalho feito por quem nada espera em troca da sua colaboração».

E as últimas palavras do sr. Comandante Tengarinha Pires foram para apresentar «sau-



O Sr. Luís Simões Aurélio saúda o «S. P.»



Outro aspecto da mesa do almoço. Em todas as fotografias se deparam os rostos sorridentes dos convivas, o que revela a atmosfera de alegria que ali reinou



Neste aspecto da mesa almoço vêem-se dirigentes escoteiros do activo

dações em nome da Direção da A. E. P. e fazer votos de que o jornal continue, e bem, como até aqui e que os seus colaboradores consigam alcançar aquilo que desejam quando publicaram o primeiro número.

E a agradável reunião chegou ao fim no meio da maior satisfação, tendo, entretanto, sido passados alguns documentários escolistas e escutadas interessantes interpretações de canções escotistas gravadas por grupos corais de vários países.

Um dos filmes projectados referia-se ao último acampamento nacional e foi realizado pelo nosso amigo e antigo dirigente escoteiro sr. Amir Fernandes, que mereceu felicitações pelo seu excelente trabalho.

— O almoço foi presidido pelo Sr. Comandante António Tengarrinha Pires, escoteiro-chefe-geral dos Escoteiros de Portugal, ladeado pelos srs. Dr. Eugénio Ramos, presidente em exercício da Direcção da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal, Humberto Martins, presidente eleito da mesma Fraternal; Rev. Eduardo Moreira, e do outro lado dos srs. Director de «Sempre Pronto», Albano da Silva, Comandante Domingos Diogo Afonso e Eng.º José Maria Nobre Santos, respectivamente secretário-geral, tesoureiro-geral e escoteiro-chefe-geral adjunto da A. E. P.

Honraram ainda «Sempre Pronto» com a sua presença a esposa e cunhada do sr. Rev. Eduardo Moreira, a senhora do Dr. Eugénio Ramos, a senhora e filha do sr. Humberto Martins, os srs. Eugénio Ribeiro Nunes e esposa; Luís Simões Aurélio e esposa, D. Albertina da Conceição Ribeiro, D. Benilde Ribeiro, Luís Alves Miguel, Ernesto de Sousa, Amílcar Gonçalves Fernandes e esposa, Francisco José Azedo Branquinho Carreiras e esposa, António Gonçalves e esposa, Júlio de Almeida Nogueira, Rui da Silva Paulo e esposa, Wolfgang Karl, Camilo José Nogueira, José Dionísio dos Santos e esposa, D. Júlia Pena Ribeiro, José Eduardo Pena Ribeiro e esposa.

Encontravam-se ainda presentes os srs. Chefe Ilídio Gonçalves, do Grupo n.º 8, os chefes srs. João Henriques Pereira Soares e Mário Luzano Pereira Leite, que representavam a Direcção e a Chefia do Grupo n.º 93 de Sintra, respectivamente; Júlio Maria Reis, antigo escoteiro que fez parte do Conselho de Guias do Grupo 94 que decidiu publicar *Sempre Pronto*, Manuel Tacão Monteiro, Chefe Armando Garcia Inácio, Escoteiro Guia Rui Horácio Macedo, e os membros do jornal Capitolino Ferreira Macedo, administrador; Joel Ribeiro, director-adjunto; e Mariano Garcia, redactor, acompanhado de sua esposa.

Enviaram telegramas de felicitação os nossos amigos srs. Gustavo Pereira da Costa, Miguel Raposo Bicho, chefe do Grupo 93; e António Augusto da Silva e Cunha, antigo correspondente do «S. P.» em Sintra. Também deixaram uma carta de cumprimentos os nossos amigos sr. Ernesto Clímaco do Nascimento e sua esposa.

A todos reconhecidamente agradecemos.



Outro aspecto da mesa de almoço



O Sr. Albano da Silva conversa animadamente com os Srs. Eng.º Nobre Santos, Comandante Diogo Afonso e Director e Administrador de «S. P.»

N. da R. — A reportagem fotográfica é da autoria do sr. Jerónimo Mendes

O Encerramento das Comemorações do XX Aniversário do "SEMPRE PRONTO"

Correspondendo às sugestões que nos foram feitas por quase todos os participantes na excursão a Vila Viçosa, *Sempre Pronto* tenciona promover uma nova excursão para fecho das suas comemorações aniversariantes. Não está ainda elaborado o respectivo programa, que se encontra em estudo, mas projecta-se para Abril uma excursão cultural a Alenquer com visita ao túmulo do notável humanista Damião de Góis. A partida será feita de Lisboa com paragem em Vila Franca de Xira, deixando tempo livre para que os participantes possam dar cumprimento aos seus deveres espirituais ou ocupar-se naquilo que for da sua preferência. Almoçar-se-á naquela localidade, seguindo-se depois para Alenquer, a formosa vila ribatejana alcandorada na serra, onde repousam os restos daquele cronista, que ali nasceu em 23 de Fevereiro de 1502 e onde veio a terminar os seus dias, em circunstâncias estranhas, em 30 de Janeiro de 1574, depois de ter suportado terríveis sofrimentos nas masmorras da Inquisição, em consequência do seu amor à verdade.

Em Alenquer, pretende-se acompanhar a visita ao túmulo de uma evocação de homenagem ao grande escritor, palestra que seria confiada a um dos nossos companheiros.

Para esta excursão serão especialmente convidados todos os nossos companheiros que possam automóvel, de forma a poder-se organizar um interessante *rally*. Os restantes farão a viagem num autocarro alugado para esta excursão, para a qual seriam convidados os escoteiros do activo, dada a finalidade cultural que se tem em vista.

Vai ser estudada a exiquibilidade deste programa e esperamos no número de Março deste jornal poder já anunciar definitivamente a excursão. Até lá gostaríamos de ouvir sugestões e pareceres dos nossos leitores, particularmente adesões daqueles que possam dispor dos seus carros privativos.

A IMPRENSA E O ANIVERSÁRIO DE "SEMPRE PRONTO"

A Imprensa referiu-se, por diversas vezes, às celebrações do XX aniversário deste jornal. Por tal deferência, apraz-nos dirigir, às Redacções dos seguintes órgãos, a expressão dos nossos sinceros agradecimentos: «*Diário de Lisboa*», «*Diário da Manhã*», «*Diário de Notícias*», «*Diário Popular*», «*Jornal do Comércio*», «*Novidades*», «*República*» e «*O Século*».

Selah-sèló

pelo Rev. Eduardo Moreira

Na colecção judaica dos Salmos, aparece de vez em quando (e uma vez na oração de habacuque) a misteriosa palavra «Selah», para a qual os exegetas têm encontrado a significação de paragem técnica e litúrgica, dos cantores do Templo de Jerusalém. Paragem técnica, porque os cantores e tangedores paravam aí na sonorização da letra sacra; paragem litúrgica, porque o poeta inspirado parece ter posto maior ênfase espiritual em cada um dos trechos assinalados.

Pois bem: pensemos que a nossa vida é cântico, seja suave ou estridente, consoante os temperamentos; seja alegre ou trágica, conforme os sucessos que a preenchem. E na existência colectiva veremos um minuete de Boccherini ou um *twist* estridulo representarem as respectivas fases da sociedade humana...

Ora o que marca a vida é o tempo, nos factos que a compõem, mas o tempo só existe nos factos que compõem a vida. Retirai os factos ao tempo, se podeis, e tereis o vácuo, ou antes, o nada.

Fora da essência não há existência. Isto para mim foi, desde há muito, a resposta ao famigerado existencialismo. A verdade, creio eu, deve estar num «essencialismo» humilde, ou seja na intuição do ser: o Ser-Causa, que é Deus, e o ser-efeito, as Suas criaturas, para as quais há, nas duas línguas peninsulares, um verbo diferente: «estar». Assim diremos que só Deus *é* e nós *estamos*. Estamos enquanto Ele e como Ele quiser. No francês e no inglês, por exemplo, não se pode fazer esta distinção. Na língua alemã há outra distinção, muito interessante, quanto à essência; mas fiquemos por aqui, pois isto basta para confirmar como o pensamento de *cada um* depende em tão grande medida das palavras de *todos!* Cada português pensa através das palavras que seus avós lhe legaram e seus contemporâneos utilizam com ele.

Selah: paremos e pensemos, ao fim de cada ano, no que tem sido a nossa vida, no que acertámos e no que errámos; no que foi banal e inconsequente, e no que foi «dramático», isto é, no que teve significado alto no drama da vida.

«Selah»... talvez pela semelhança prosódica me vem ao pensamento a interjeição que na Ilha Brava ouvi com encanto: *seló!*

Quando na linha do horizonte um dos treze mil bravenses distingue o topo dum mastro que se aproxima, exclama logo, onde quer que se encontre: «seló!», vocábulo que deve ser a corruptela da expressão marítima de uso geral «sail ahoy», quando há navio à vista. E outro bravense que ouve, logo o repete, até que toda a gente da ilha sabe que vem do mundo grande àquele pequeno mundo o correio, mantimentos, parentes, vizinhos, fundos, notícias, calor de afecto, vozes de esperança, quebra de monotonia, cabos de ligação com outros seres, outras almas, outras vidas. Naquele grito que os irmana sentem a solidariedade dos homens e o estímulo à vigilância de interesse mútuo, uma onda de optimismo confiante.

— ✦ —

O nosso «Sempre Pronto» tem agora, no vigésimo ano de vida, um outro *selah* e um apelo no *seló*. Espero que muitos mais terá, pela vida fora, com o mesmo brio, o mesmo desejo de acertar, a mesma «humildade viril» (virilidade não é truculência), o mesmo crescer de simpatias em face da sua sementeira de afectos, de camaradagem, de optimismo e paciência vigilante.

Bem hajam, amigos! Eis o meu incitamento afectuoso, a minha palavra final.

O Escotismo é movimento

Tivemos recentemente ocasião de ler uma nota-circular da chefia-geral lembrando o concurso fotográfico aberto entre escoteiros e visitantes do acampamento nacional «Anaju», cujo prazo foi ampliado, porque só tinham sido recebidos trabalhos de três concorrentes, apesar de se saber que muitos outros fizeram fotografias daquela importante actividade. Os promotores do Concurso tinham em vista preparar uma exposição de fotografias escoteiras, que seria apresentada em diferentes pontos do país. A Chefia-Geral apela para que todos os que possuam fotografias daquele Acampamento enviem os seus trabalhos a fim de ser possível não só realizar o Concurso mas também a Exposição.

Anteriormente, o Grupo 93 de Sintra, por ocasião do seu aniversário, promoveu um concurso de jogos, que não teve também o necessário acolhimento.

Este jornal tem também tentado promover concursos, inquéritos, consultas, e o eco das suas iniciativas ou se perde ou o acolhimento alcançado se deve simplesmente aos antigos escoteiros e outros amigos do jornal, alheios às fileiras escotistas. Verifica-se por isso que os Grupos de Escoteiros, que deveriam ser MOVIMENTO, são apenas uns organismos que desenvolvem uma acção muito silenciosa dentro das suas sedes, sem calor nem entusiasmo, indiferentes a apelos, iniciativas ou actividades de natureza geral.

Temos de reconhecer que esta atitude não caracteriza o Escotismo. Foi B. P. que nos pôs de sobreaviso acerca do perigo do Escotismo deixar de ser Movimento para se transformar numa organização. Significa isto que não se pode fazer Escotismo sem entusiasmo, sem acção, sem comunicação fraternal entre todos os seus componentes, seja qual for a sua naturalidade, nacionalidade, raça ou opinião. Escotismo fechado sobre si próprio, vivendo da contemplação das tradições e iniciativas do passado, ou devotado apenas às actividades promovidas dentro das paredes da sua sede, não é Escotismo autêntico.

É muito fácil e razoável manifestar desgosto porque as entidades superiores do Movimento não promovem iniciativas, mas isso deve obrigar-nos a levar o nosso apoio entusiasta e estimulante a todos os empreendimentos que forem por eles ou por outros lançados. Uma atitude de alheamento das iniciativas promovidas resulta no desencorajamento daqueles que teriam vontade de realizar outras e mais vastas actividades.

Estamos certos de que todos os Dirigentes e Escoteiros não deixarão de ponderar as considerações aqui feitas com o único intuito de despertar o Movimento da sonolência em que se encontra. Escotismo é movimento, é vida!

ANTIGOS ESCOTEIROS

● Conselho Nacional da Fraternal

Em 17 de Fevereiro corrente, reuniu na sede da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal o seu Conselho Nacional, que foi presidido pelo Sr. Dr. Francisco Cortez Pinto, secretariado pelos companheiros Srs. António Francisco Xavier de Brito e Luís Simões Aurélio. Antes da ordem dos trabalhos, o Sr. Dr. Eugénio Henrique Ramos, presidente da Direcção cessante, pediu a palavra para manifestar o seu reconhecimento pela presença do digno Presidente da Mesa que, encontrando-se a descansar no Algarve, se deslocara propositadamente a Lisboa para dirigir os trabalhos daquela assembleia. As palavras do Sr. Dr. Ramos foram apoiadas por todos os presentes.

Seguidamente, o Sr. Dr. Ramos leu o relatório da Direcção e as respectivas contas, verificando-se que estas apresentavam um saldo superior a oito mil escudos, que transitava para a nova gerência. Foi também lido o parecer do Conselho Fiscal, que recomendava a aprovação das contas e um louvor para a Direcção.

Acerca do Relatório e da forma como este se encontrava elaborado, falou o companheiro Aurélio, que fez o elogio daquele trabalho. Igualmente se referiram ao Relatório em termos elogiosos os companheiros Srs. Prof. Aníbal Ramos e Dr. Cortez Pinto, tendo no final sido aqueles documentos aprovados por aclamação por proposta do companheiro Sr. Xavier de Brito. Foram também aprovados votos de louvor e agradecimento à Direcção cessante e à Mesa.

Saindo um pouco da ordem dos trabalhos, o Sr. Prof. Ramos sugeriu que a nova Direcção, no âmbito das iniciativas a tomar, promovesse a realização de um congresso ou colóquio para troca de impressões acerca do Escotismo e seus actuais métodos. O Sr. Dr. Cortez Pinto disse que os motivos que reuniam os antigos escoteiros eram muito interessantes e dignos de todo o louvor pelo espírito de fraternidade e mútua compreensão que os moviam. Apoiou a ideia da realização do colóquio, que lhe pareceu da maior utilidade para o Escotismo.

● A posse dos novos Corpos Gerentes

Procedeu-se depois ao acto de posse dos novos corpos gerentes da Fraternal para o biénio de 1965/66, acto que teve igualmente a presidência do Sr. Dr. Cortez Pinto. Os novos dirigentes foram muitos cumprimentados, esperando-se que a Fraternal dê início a um novo período de actividade e progresso, para o que os novos dirigentes se encontram animados do melhor entusiasmo.

Winston Churchill

Conclusão da pág. 5

mostrei-lho. Leu com atenção concentrada, deixando transparecer certo embaraço. Ao terminar a leitura restituiu-mo, dizendo sorridente: «Falar-vos, é como se se falasse a um fonógrafo registador». Eu também fiquei satisfeito.

A esse tempo, o renome de B. P., como soldado, eclipsava os demais na estima pública. Outro B. P. — British Public (Povo Britânico) — considerava-o primeiro herói da guerra. Até os que condenavam a guerra e zombavam dos triunfos dos grandes exércitos bem organizados que combateram os fazendeiros boeres, não podiam deixar de admirar a longa, intrépida e tenaz defesa de Mafeking, sustentada por uma guarnição de apenas oitocentos homens contra forças sitiantes dez ou doze vezes maiores. (...)

(...) E' de se perguntar porque B. P. desapareceu dos círculos da hierarquia militar, desde o fim da guerra africana. Confiaram-lhe missões distintas, mas de natureza secundária. Todos os postos importantes, todas as principais situações foram distribuídas a homens cujo valor era ùnicamente conhecido nos meios militares; nenhum deles recebera a consagração popular.

Sem dúvida alguma, *Whitehall* (o Ministério da Guerra) se ressentira dos aplausos das massas a um só homem. Não era algo teatral ou, pelo menos incompatível com o carácter de um soldado, essa influência irradiada dos entusiasmos incompetentes das multidões da rua? Tudo que sai das normas habituais, sempre excitou a desconfiança do Exército. (...) Como quer que seja, as brilhantes perspectivas do destino que lhe trouxeram o êxito não tardaram a ser veladas por um glacial nevoeiro; o Sol, sem dúvida, fulgia através disso, mas os seus raios eram desviados e amortecidos. Não se podem prever os caprichos da fortuna, insondáveis nos mistérios da sua acção. Algumas vezes, quando os seus movimentos parecem ser terríveis é ela que nos prepara os seus melhores favores. Para B. P., foi uma felicidade magnífica não ter sido arrastado, nos albores do século, na corrente dos negócios militares, entregue inteiramente ao labor, tão necessário para dar secretamente, embora, ao exército as possibilidades que mais tarde o Corpo Expedicionário devia dar provas na batalha de Nons.

Que sorte para ele e que sorte para nós! Graças à sua nova actividade, pôde fazer jus a uma fama que jamais perecerá, prestando um serviço de alto valor e de carácter duradouro: a criação de uma instituição essencialmente preparada no génio natural britânico, instituição que vincula na mesma camaradagem não só a juventude anglo-saxónica, como a de todos os países, a de todos os povos.

. . . . . .

Muitas organizações respeitáveis, que tiveram o seu momento de glória e bem mereceram o respeito dos homens, desapareceram na tormenta: O Escotismo sobreviveu: Não sòmente sobreviveu à guerra, como pôde resistir ao torpor que se seguiu. Quando tantos elementos na vida e no Espírito das nações vitoriosas parecem mergulhar de vez na letal letargia, o Escotismo desenvolveu-se e prosperou. Sua divisa adquiriu nova significação à medida que correm os anos. Em cada coração repercute sua mensagem de dever e de honra: SEMPRE PRONTO para se alistar fielmente sob a bandeira do Direito e da Verdade; pouco importa de onde sopre o vento — ESTEJA SEMPRE PRONTO!

Winston Churchill

Condensado de um capítulo do livro «Grandes Homens Contemporâneos». Tradução de Carlos Pontes. Transcrito de «O Escoteiro» — Brasil.

Cumprimentos de Boas-Festas

Tiveram a amabilidade, que muito apreciámos, de nos enviarem os seus cartões de boas-festas os seguintes amigos dedicados:

Srs. Albano da Silva, António Francisco Xavier de Brito, Armando Jaime Soares, Eduardo Xavier, Eugénio Ribeiro Nunes, Hélder Martins, João Patrício de Melo, José Rana, José Raul Gomes, Júlio de Almeida Nogueira, Luís Alves Miguel, todos de Lisboa. Francisco Pina, de Olhão; Manuel Ferreira Valério, do Entroncamento; Jacinto dos Reis Moniz Silva, Prof. Leopoldino Rocha Tavares, Carlos Alberto Vieira de Melo, todos de Angra do Heroísmo. António Emílio Carvalho Barbosa, do Porto. D. Ana Soares Leitão e José Reinaldo Soares Pinto, de Lourenço Marques; H. T. Gomes de Freitas, do Funchal.

Também de Angola, onde se encontra a prestar serviço militar, o antigo escoteiro do Grupo n.º 10 de Lisboa, sr. Daniel Freire.

O sr. Director dos Serviços de Turismo Francês em Portugal, a Comissão Executiva do Círculo de Antigos Nadadores; a Skolta Esperantista Ligo, representada por Patrício de Melo; a Companhia de Guias de Portugal «Rainha Santa Isabel», do Porto; os dignos Comissários Internacionais do Escotismo Português, srs. Manuel L. Peixoto e Vítor de Lima e Santos; a Junta do Núcleo de Braga do Corpo Nacional de Escutas; o Clã 25 «Bento de Gois», do C. N. E. de Angra do Heroísmo; a Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal.

Os Grupos de Escoteiros de Portugal n.ºs 44, de Gaia; 93, de Sintra; 4, do Porto; 52, de Angra do Heroísmo; 5 e 8, de Lisboa; 12, de Oeiras; 61, de V. R. Santo António.

Também os nossos amigos e colaboradores srs. Luís Simões Aurélio e Eugénio Ribeiro Nunes nos procuraram para nos expressar votos de muita amizade.

A todos estes nossos bons amigos agradecemos e retribuímos os bons desejos expressos.



José Francisco Nunes

Com a idade de 69 anos, faleceu, na sua residência, no Funchal, o sr. José Nunes, profissional e instrutor de enfermagem dos extintos grupos dos Escoteiros de Portugal N.º 23 e 24 daquela cidade.

O sr. Francisco Nunes era muito conhecido e estimado nesta cidade, mercê da integridade do seu carácter e lhaneza de trato.

Empreendedor e dinâmico, o seu arreigado espírito associativo, está, ainda, ligado ao Sindicato Nacional dos Profissionais de Enfermagem, do qual foi sócio-fundador e de que, actualmente era membro directivo.

César Marques da Silva Pereira

Faleceu, em Santana, (Madeira), onde residia, o sr. César Marques da Silva Pereira, de 56 anos de idade, antigo Escoteiro-Chefe do Grupo N.º 23 dos Escoteiros de Portugal, à data da sua fundação em 1931.

O finado, que pertenceu durante anos ao grupo coral de Santana e foi funcionário do Grémio da Lavoura, gozava de muito prestígio e simpatia no círculo das suas relações.

A's famílias enlutadas endereça «Sempre Pronto» o seu muito pesar.

ESCOTEIROS ESTRANGEIROS VISITAM PORTUGAL

92 Escoteiros e Guias Uruguaios em Lisboa

Visitaram este mês Lisboa 92 escoteiros e guias uruguaios, que vêm fazer uma digressão pela Europa.

Apesar da sua chegada não ser esperada, em virtude do atraso com que foi recebida uma comunicação, originado pela greve dos correios franceses, a Direcção da A. E. P., logo que tomou conhecimento da presença na nossa Capital desse grupo de rapazes e raparigas uruguaios, imediatamente tomou as providências necessárias para lhes oferecer o alojamento de que necessitavam.

Mais uma vez, a Direcção do Refeitório da Junqueira prestou valioso serviço aos escoteiros, pondo à disposição dos nossos visitantes as suas magníficas acomodações.

Alguns elementos deste contingente ficaram aboletados em instalações da F. N. A. T..

O contingente uruguaio, no regresso à sua pátria, visitará novamente o nosso país, no mês de Fevereiro.

Salva-vidas moderno

A «British National Lifeboat Institution» (Instituto de Salva-Vidas da Grã-Bretanha) criou um novo tipo de barco salva-vidas inafundável.

O barco, além de não poder ir ao fundo, endireita-se por si mesmo e é equipado com dois motores Perkins, tipo Diesel, de 43 CV.

Dois protótipos, um dos quais foi pago pela Fundação Gulbenkian, estão em serviço em Scarborough, há cinco anos, com resultados excelentes.

A transformação da criança em elemento útil a si e à comunidade

Pelo Dr. Francisco Cortez Pinto
Presidente do Tribunal de Honra dos Escoteiros de Portugal

A tarefa do Escotismo é difícil e delicada, mas altamente útil, pois procura receber o homem, no estado infantil ou na dificílima transição, perigosa, da puberdade para o estado adulto e auxiliá-lo a transformar-se em um ser útil para si e para a comunidade, aproveitando as suas qualidades naturais, guiando-o nas suas ansiedades e suportando-o nas suas indecisões, para que ele possa caminhar no sentido da valorização e *superiorização* em lugar de se diminuir no caminho da *inferiorização*.

Toda a ambição da criança é a formação da sua *personalidade*, mas só se cria a certeza de uma personalidade quando em sucessivos auto-exames se verificou que é capaz de a adquirir; para isso tem de se dar às crianças e aos púberes tarefas de responsabilidade, amparando-os nas suas hesitações, para que, depois de as cumprirem, acreditem que são pessoas disciplinadas, responsáveis, que inspiram confiança. Está assim criada a personalidade, formada na verificação de valores próprios.

Depois, é necessário criar a noção difícil de *membro de uma comunidade*. O caminho do *Eu* até ao *Nós* levou alguns séculos a percorrer; a primeira noção é a da conservação da vida, da posse e, quando muito *um* sente-se membro da família, porque esta o ajuda a vencer nos combates da sustentação; é o primeiro passo para o *Nós*.

Depois, vê-se a necessidade de algumas famílias, a tribo se junta para conquistar em comum e defender em comum; organizou-se assim uma pequena sociedade que teve de nomear um chefe, a quem terá de se subordinar, desde que este receba a cooperação de todos que o sustentam na sua autoridade. O *Nós* agora já tem um sentido social.

Depois, a pouco e pouco, vai-se alargando o grupo de maneira a ir-se transformando em uma pequena comunidade, um concelho, uma freguesia ou uma província no sentido que hoje lhes damos. Mas cada grupo destes tem os seus hábitos, as suas regras, os seus deveres e direitos conjugados com as suas obrigações; e então começa o trabalho de Hércules de se organizar uma pátria, composta de grupos etnográficos diferentes, avança difícil no qual se caminha por vezes com grandes obstáculos, quedas e vitórias até o grupo se transformar em pátria. Como será possível organizar pátrias, como as que se estão matizando em África, passando quase do indivíduo para a grande nação!

Ora é exactamente nesta transformação psicológica que o escotismo tem um papel de grande valor; e executa-o melhor do que ninguém, pois soube coligir os elementos psicológicos da evolução *Criança — Homem — Membro da Comunidade* e praticá-los de uma forma tal que é mais do que bem recebida por aquelas psicologias em formação em transformação.

O nosso sentimento da comunidade tem de ir para além de nós; temos de procurar trabalhar, não só para nós, mas também para o futuro bem estar do nosso país e da humanidade, tanto pelo que respeita à educação, à conduta das pessoas e das massas humanas, como à religião, à ciência e à política, com boas intenções, ainda que às vezes o caminho seja errado; se reconhecemos o erro, temos de procurar emendá-lo.

Há factos que podem prejudicar esta formação individual para a vida. A criança, sem ter o carácter formado, nem ainda o sentimento da comunidade, adapta-se involuntàriamente a um mundo em que é possível lançar homens contra homens, com máquinas e gases asfixiantes e considerar como uma grande honra o poder matar e mandar matar o maior número possível de homens. Estas ideias perturbam gravemente a criança; em perigo semelhante se podem encontrar muitas raparigas rodeadas por pessoas que apresentam o problema do amor, ou sob um aspecto dissolvente para as sugestionar, ou sob um aspecto terrível, falando da geração e de partos, como se fossem coisas vergonhosas; pelo contrário deve-se-lhes falar da concepção como de coisa divina e felicitá-las por terem a missão superior de virem a ser mães.

Hoje, o único remédio consiste em ensinar a criança a colaborar, explicando-lhe oportunamente os vários fenómenos da vida e dizer-lhes que terão de contar consigo e com as suas *qualidades*, para colaborar com as outras pessoas, no desbravamento da sua vida e na dos outros; só assim conseguirá vencer na vida!

A colaboração com o progresso social é uma virtude que sempre se reflecte na pessoa. Os vícios são hábitos ou resultam sentimentos contrários ao sentimento da comunidade. Na história da humanidade só ficaram os homens que se não isolaram, antes se juntaram aos outros, para conseguirem os seus desígnios ou projectos. A evolução do homem não seria possível se eles se não tivessem constituído em comunidades cada vez maiores e não se juntassem em um desejo de perfeição para aumentar o bem estar comum.

Todos os erros e falhas, na infância e na idade adulta, todas as actividades de mau carácter, na família, na escola, no seu grupo, nas relações com as outras pessoas, na profissão e no amor, tem a sua origem na falta do sentimento da vida em comum, o «sentimento da comunidade».

O que nos impele para conquistarmos um nível social mais elevado e a libertar-nos dos erros da vida pública, dos nossos e dos outros, é o sentimento do grupo, afogado e reprimido que, apesar de tudo, alerta e domina, o nosso próprio ser.

Para desenvolver todo este programa, nenhuma organização é superior à do Escotismo, onde se procura aperfeiçoar o carácter tornando os futuros homens conscientes dos seus deveres e responsabilidades e portanto o orgulho de serem cidadãos úteis a si, à Família e à sua Comunidade.

D. Maria Manuela Filipe Macedo

Encontra-se em franca convalescença esta senhora, esposa dedicada do nosso camarada de trabalho, Administrador de «S. P.», Capitolino Ferreira Macedo, que foi recentemente submetida a importante operação cirúrgica, que decorreu com todo o êxito. A intervenção foi confiada ao ilustre cirurgião Professor António Castro Caldas, nosso estimado assinante e prestigioso antigo escoteiro, que dedicou à doente todo o seu interesse e carinho.

JOHNSON FALA A ESCOTEIROS

WASHINGTON, 8 — O presidente Johnson disse hoje a um grupo de escoteiros que o foi visitar à Casa Branca: «Amamos a Paz. Faremos tudo quanto nos for possível para a preservar honrosamente, quer para nós quer para toda a Humanidade. Mas amamos tanto a Liberdade como a Paz, e responderemos às ameaças por maiores que sejam, pagando não importa que preço, para que a Liberdade não desapareça da face da Terra».

O 10.º Aniversário de Sempre Pronto



A mesa que presidiu à cerimónia comemorativa. O Presidente da Associação dos Escoteiros de Portugal comunica que a Direcção resolveu conceder a «Sempre Pronto» o Lis de Prata de Agradecimenio. A' sua direita vê-se o Escoteiro-Chefe-Geral sr. Comodoro Duarte Silva; o sr. Augusto Júlio Romão Guimarães, representante do Ateneu Comercial de Lisboa, e à esquerda o sr. Enrique Genovés, delegado do «S. P.» em Madrid e actual Escoteiro-chefe-geral dos Escoteiros de Espanha; e o nosso Director.

«WORLD SCOUTING»

A Repartição Mundial de Escotismo tinha substituído a sua antiga revista por um pequeno Boletim por razões de ordem financeira. No entanto, o último número deste Boletim publicado em Dezembro anuncia que a partir do corrente mês voltará a ser publicada uma revista e que esta terá maior formato do que a antiga revista. Os leitores do Boletim continuarão a receber a nova revista como oferta.

Aguardamos com interesse a nova publicação e daqui felicitamos a Repartição Mundial de Escotismo pelo novo êxito.

Anunciantes de «Sempre Pronto»

Os anunciantes do nosso jornal são amigos de «Sempre Pronto» e do Escotismo. Por isso os recomendamos aos nossos leitores para que prefiram os seus produtos.

O Aniversário de "Sempre Pronto"

O nosso dedicadíssimo Delegado nos Açores, sr. Moniz Silva, enviou-nos o seguinte telegrama: *Ocasião data festiva vigésimo aniversário «Sempre Pronto» saúdo efusivamente corpo directivo e colaboradores nosso jornal com votos merecidas prosperidades.* Agradecemos a Moniz Silva a sua amizade e dedicação.

Também a Secção Filatélica da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal enviou votos de longa vida e festas felizes para o «nosso» S. P. Agradecemos e retribuímos.

José D. Camacho

Antigo Escoteiro do Funchal, envia de Moçâmedes a todos os seus irmãos-escoteiros um cordial abraço com votos de um Ano Novo muito feliz.

Acampamento de Férias

Aproveitando as férias do Natal, os escoteiros americanos das Lajes, realizaram um acampamento na Matela, nos dias 28 e 30 de Dezembro, tendo convidado os escoteiros portugueses a tomar parte no mesmo.

No acampamento, dirigido pelos chefes Chester True e Pete Vieira coadjuvados por três ajudantes adultos, tomaram parte duas patrulhas do grupo americano, e uma representação do Grupo n.º 52.

O acampamento foi iniciado com tempo admirável, tendo, porém, transtornado no último dia.

No dia 29, o chefe Moniz Silva deslocou-se na hora do almoço à Matela, em visita ao Acampamento. — C.

Os prémios «Vale Flor»

Os jovens dão o exemplo

Dois adolescentes portugueses acabam de ser distinguidos pela Fundação Vale Flor com os prémios que foram instituídos para galardoar jovens que se tenham honrado com a prática de actos de valor e altruístas.

São eles: Regina dos Anjos, de 13 anos, de Castrelos (Bragança), que conseguiu arrebatar, dos dentes de um lobo esfomeado, um irmãozito de 6 anos, que já era arrastado pela fera.

O outro contemplado é o Vítor Hugo Sintra Lima Pereira, um nosso estimado irmão-escoteiro, de 14 anos, de Carvoeiro, Algarve. Este escoteiro, como «Sempre Pronto» já relatou em Novembro p. p., quando seguia numa procissão em Armação de Pêra, lançou-se ao mar e salvou um homem em risco da vida, por as águas se encontrarem perigosamente agitadas.

Estes dois jovens mostraram à puridade que o verdadeiro sentido de vida não é aquele que aponta única e simplesmente, a defesa dos nossos interesses, mas o que tem como objectivo o afã de servirmos, de nos tornarmos úteis ao nosso semelhante, ainda que à custa de trabalho e sacrifício das nossas comodidades.

O 18.º Aniversário de "Sempre Pronto"



Dois aspectos dos convivas que tomaram parte no almoço comemorativo do 18.º aniversário de «S. P.», onde se vêem amigos dedicadíssimos do nosso jornal, prestigiosos antigos-escoteiros.



NO PRINCÍPIO DO ANO

Um aviso à mocidade

A ambição desmedida tem sido, através de todos os tempos, a causa de muitos crimes e tem estado na origem de todas as violências. Ela é a fonte da corrupção que tantas vezes afecta as comunidades humanas, dando origem à falta de confiança entre os homens e à degenerescência das instituições. E' como que a ferrugem das civilizações, minando-as nos seus alicerces. A avidez do dinheiro é pois sentimento pernicioso que importa combater nas origens. Até há pouco, parecia que as classes mais humildes, a gente trabalhadora, estavam imunes à sua acção. Isto notava-se especialmente entre a gente simples e boa das nossas aldeias. Hoje, porém, nota-se um tão acentuado recrudescimento do espírito ambicioso que mesmo as classes mais modestas já dele não estão isentas.

Parece-nos de muito interesse investigar as causas desta situação. Sobretudo nós, que aceitámos responsabilidades na educação dos novos, não podemos nem devemos ignorar circunstâncias susceptíveis de exercer influência na formação do carácter da mocidade. Como primeira causa, destaca-se evidentemente o mau exemplo que, por toda a parte e em todas as latitudes, os adultos dão aos novos. A venalidade é demasiado latente para que os jovens a ignorem e a facilidade com que certa gente faz fortuna não é boa conselheira.

Mas há outros factores não menos graves. A criação de acessíveis e sugestivos sistemas de jogo e a publicidade que dos mesmos é feita pelos poderosos meios de divulgação de que agora se dispõe; o anúncio capcioso criando a miragem da riqueza ao alcance de todas as mãos, está certamente exercendo uma perigosa influência especialmente entre a gente nova, mais sugestionável. A Imprensa deu recentemente a conhecer dois crimes brutais praticados por homens rudes, que não resistiram à sedução de uns míseros escudos e bàrbaramente assassinaram amigos e companheiros de trabalho. Actos tão estúpidos evidenciam bem os transtornos que essa infeliz sementeira de avidez pode gerar na gente rude.

A saúde mental de um povo tem de ser defendida com tanta ou mais energia que a saúde física. Não se pode levianamente desencadear sentimentos capazes de comandar atitudes nefastas para a vida social. Despertar a ambição é acto demasiadamente perigoso porque ela está na base de todas violências e venalidades. A divulgação do jogo, a propaganda que em sua volta se faz, dá aos pobres a fugaz ilusão de que é possível alcançar a fortuna pelo emprego de uns magros escudos. E' certo que a dura realidade em breve fará desmoronar os sonhos ingènuamente acalentados, mas a sofreguidão do dinheiro subsistirá mais intensa ainda e irá buscar outras formas de aplicação.

Precisamos de pôr os jovens de sobreaviso. Urge que se saiba que só o trabalho pode produzir riqueza. Miseráveis os povos que trocam o hábito de trabalhar pela sugestão de fazer fortuna por forma fácil. São mais felizes e prósperas as nações que mais trabalham.

Pequena crónica de Lisboa

A CAPELA DE S. ROQUE

A Lisboa do século XIV, aquela Lisboa heróica, mártir mas vencedora, que, abrigada nas fortes muralhas da Cerca Fernandina, resistira ao prolongado sítio castelhano e aclamara o Mestre de Avis, D. João I, Rei de Portugal, galgara, com o rolar dos anos, os muros da cerca protectora e era, em pleno século XIV, uma realidade em constante crescimento, expandindo-se para Ocidente, muito além das muralhas. Dela nos diz Damião de Góis na «Lisboa de Quinhentos»:

(...) *A cidade de Lisboa, pelo lado sul, começa no Paço Velho de Santos* (...) e mais adiante, continua assim o insigne cronista:

(...) *Deixando o Paço Velho, por um caminho tortuoso, empedrado, e descendo pouco a pouco, vai dar-se ao convento das freiras de Nossa Senhora da Esperança; indo pelo mesmo caminho, sobe-se ao monte fronteiro, em cuja ilharga, do outro lado, está a capela dedicada a S. Roque;* (...)

Qual seria este monte fronteiro à Esperança em cuja ilharga, do outro lado, Damião de Góis nos assinala a capela de S. Roque? Como se trepava até lá?

Vejamos, pois, qual o caminho a percorrer e, para tal, vamos servir-nos dos dados preciosos que nos são fornecidos pelos saudosos mestres olisipógrafos Júlio de Castilho e Matos Sequeira, os quais, em anos consecutivos de fecundo labor intelectual caracterizado por pacientes e exaustivas investigações, nos legaram trabalhos valiosíssimos que constituem fonte inesgotável para os estudiosos da história olisiponense.

Junto ao Paço Velho de Santos, de que proveio o nome de Santos-o-Velho, partia um caminho público a que se chamava estrada de Santos. Ficava o dito Paço Velho, no local onde actualmente se ergue o Palácio em que está instalada a Embaixada de França e, descendo pouco a pouco, por um caminho tortuoso e empedrado, como conta Damião de Góis, vinha dar ao convento da Esperança, que se situava no local onde está o Batalhão de Sapadores Bombeiros, mais conhecido por Quartel da Esperança e onde, ainda há poucos anos, vimos alguns azulejos que se crê terem pertencido ao aludido convento. Continuava a Estrada de Santos seguindo aproximadamente o traçado actual da rua do Poço dos Negros, Largo do Poço Novo, Calçada do Combro, Calhariz, rua do Loreto, Praça Luís de Camões, para terminar junto às Portas de Santa Catarina, que se abriam nas muralhas da Cerca Fernandina no sítio do actual Largo das Duas Igrejas.

Serpenteava a estrada por entre consideráveis áreas de verdejantes terras, que cortava a meio, terras essas pertencentes a duas vastíssimas herdades divididas pela citada estrada que deixava, para sul do seu flanco direito descendo até à margem do Tejo, a herdade chamada da Boa Vista, e para norte do seu flanco esquerdo, subindo até aos campos designados por Moinhos de Vento (actualmentee S. Pedro de Alcântara e Rua de D. Pedro V) a herdade que então se denominava de Santa Catarina.

Era aqui, perto dos Moinhos de Vento, que se erguia a capela de S. Roque. A construção desta capela, no monte fronteiro à Esperança, veio a ter consequências imprevistas no desenvolvimento da urbe e foi ela a génese de um dos maiores aglomerados citadinos que viria a florescer nos verdejantes campos das duas vastas herdades. Disto, porém, nos ocuparemos na nossa próxima crónica.

Continua na pág. 22

Luís Simões Aurélio

DOS AÇORES

Grupo n.º 52 — Angra do Heroísmo

PRIMEIRO DE DEZEMBRO — Realizou-se na sede uma reunião comemorativa da Restauração.

Usaram da palavra o respectivo chefe, sr. Jacinto dos Reis Moniz Silva, e o prof. Leopoldino Tavares, secretário do Grupo.

VISITA CULTURAL — Mais tarde, o Grupo deslocou-se à B. A. 4 (Lajes), como convidado do destacamento americano, tendo percorrido diversas instalações, entre elas, as de Rádio e Televisão; Operações; Meteorologia; Porto da Praia da Vitória; diversas aulas, incluindo o «High School»; e, finalmente, o ginásio americano, onde a equipa do basquete (juniores) do 52 se estreou na modalidade, defrontando uma equipa de estudantes americanos.

Os visitantes almoçaram na Sala Macau do Clube de Oficiais Americanos, acompanhados do Coronel Tracy J. Peterson, segundo comandante das forças americanas, que presidiu; pelo Major Deturk, coordenador dos assuntos escotistas americanos; pelo Capitão Earney, director dos serviços de informação americanos; e pelo MSGt. H. L. Baird, presidente da comissão directiva dos «Boy Scouts of America» nas Lajes.

No final o Major Deturk saudou os Escoteiros.

O Coronel Peterson saudou igualmente os Escoteiros Portugueses, em seu nome e no do General Boylan, comandante das forças americanas nos Açores.

O E. C. Moniz Silva, ao agradecer as palavras de simpatia e as manifestações de amizade, salientou a realidade da proverbial hospitalidade portuguesa, de que os Terceirenses são destacados cultores, aludiu à fraternal convivência dos norte-americanos nas Lajes e congratulou-se com o êxito daquela nova jornada de intercâmbio luso-americano.

Os Escoteiros do 52, Carlos Alberto Costa e Manuel do Carmo, fizeram-se ouvir em duas canções, que foram muito apreciadas.

Não é este mar, nem com o dobro da sua ferocidade, que nos há-de meter a pique

Conclusão da página 6

Grande, concedeu-lhe a graduação de segundo-tenente da Armada, com uma pensão.

Faleceu em Paço de Arcos, em Dezembro de 1890, sendo o seu funeral a maior manifestação de dor, de respeito e de reconhecimento pela sua grande obra de humanidade. Mais, tarde, foi dada a uma Avenida o nome do glorioso marinheiro, onde se encontra um modesto monumento a atestar os seus relevantes serviços.

O nome de Joaquim Lopes parece nunca ter sido dado a uma companha dos escoteiros marítimos, como seu patrono. Aqui deixamos a ideia aos seus dirigentes.

RIBEIRO NUNES

Escoteiros ingleses visitam Portugal

O interessante relatório publicado por um grupo de escoteiros inglês sobre a sua estadia em Portugal

Vinte rapazes ingleses de um grupo de escoteiros marítimos de Newcastle resolveram, no ano passado, vir passar as férias em Portugal.

As razões que presidiram à escolha do nosso país para esse efeito, explicam-nas eles num bem elaborado opúsculo, impresso em excelente papel e com boas fotografias, que eles depois publicaram, relatando a viagem que fizeram.

Dizem eles: «Pode ser que alguém deseje saber a razão por que decidimos visitar Portugal. A razão é esta: Portugal é o nosso mais velho aliado, pois é nosso amigo há muitas centenas de anos. Porém, de há algum tempo para cá, à semelhança de outros países que têm possessões em África, foi alvo de grande quantidade de críticas por parte da Imprensa».

E termina este intróito, dizendo: «Pensámos que devíamos, nós próprios, ir ver como são realmente os Portugueses. Agora podemos confessar que estamos efectivamente satisfeitos por ter ido».

A viagem foi precedida de criterioso estudo, tendo sido prèviamente estipulado o uniforme e o restante vestuário que se apropriassem ao clima quente de Portugal, estabelecida a constituição do grupo que se deslocaria e feitos os cálculos que a viagem ocasionaria.

Uma empresa de navegação ofereceu o transporte gratuito do salva-vidas que aquele grupo possui, o «Tyne Trident» e ainda de 4 escoteiros, de forma que no dia 31 de Julho o contingente principal pôde tomar o avião para Lisboa, com o programa da viagem pormenorizadamente delineado.

Em resultados de diligências feitas pelo sr. secretário das Relações Internacionais da A. E. P., foi possível aboletar os nossos visitantes no Forte de S. Bruno, em Caxias, amàvelmente cedido pela Mocidade Portuguesa. Os forasteiros puderam, assim, contar com instalações situadas num ponto admirável do estuário do Tejo.

Durante os dias em que permaneceram em Portugal, os escoteiros de Newcastle fizeram diversas excursões. Ficaram admirados com a beleza da baía e da vila de Cascais e encantados com os castelos e os palácios de Sintra e ainda com o deslumbrante espectáculo de Lisboa vista do Tejo.

O Padrão dos Descobrimentos, ainda há poucos anos inaugurado, mereceu-lhes também boas referências, tendo-o considerado uma «extraordinária peça de arte» única no mundo.

O grupo efectuou ainda uma viagem por mar, até Setúbal, cidade que visitaram e onde assistiram a uma tourada. Acharam este espectáculo muito curioso, mas o que, para eles, sobrelevou em interesse foi o facto de os lugares ao sol serem de preço mais baixo que os à sombra, quando em Inglaterra seria certamente o contrário...

A estada destes rapazes em Portugal, foi rodeada de uma assistência permanente por parte da A. E. P., o que foi reconhecido devidamente no final do opúsculo, em que fazem referências aos srs. Manuel L. Peixoto, Máximo Silva e Pereira, pela colaboração que lhes prestaram.

A experiência destes rapazes, no nosso país, foi de um êxito absoluto, como se pode compreender das palavras com que terminam o interessante relatório:

«Os Portugueses foram as mais amáveis, as mais atenciosas, as mais úteis e amigas pessoas!»

22 de Fevereiro de 1965

MENSAGEM DO DIA DO FUNDADOR

Entre os países membros tem havido ùltimamente acentuada tendência geral para investigar as afinidades do Escotismo com o mundo moderno. A pergunta feita é — «Será o Escotismo actual?». Muitos dos nossos dirigentes duvidam da validade dos nossos métodos na época actual. Sem dúvida, a real estrutura e organização do Escotismo Mundial está constantemente a ser revista por uma especial Comissão de Estudo.

Eu creio que se B-P fosse hoje vivo não só aproveitaria este espírito de investigação, mas quereria ele próprio tomar parte neste trabalho. Além disso, foi ele quem lançou a frase Look Wide *(Tenha vistas largas). Portanto, não importa que sejam necessárias mudanças nos nossos métodos; não importa que as normas regulamentares necessitem de ser actualizadas; não importa que sejam requeridas modificações na estrutura do nosso Movimento, os princípios fundamentais do Escotismo permanecem absolutos: A honra do Escoteiro é sagrada; o Escoteiro é irmão de todos os outros Escoteiros.*

Poderemos modificar o uniforme ou dispensá-lo inteiramente, deixar de esfregar cavacos para fazer lume, de dar ajuda a velhinhas para atravessar a rua, mas a definição do Escoteiro continuará a ser a mesma: aquele que promete fazer o seu melhor para cumprir seus deveres para com Deus, a a sua Pátria e o seu Próximo. Em ocasiões importantes e periòdicamente renovamos a Promessa Escotista recordando a nossa fidelidade ao ideal; no Dia do Fundador deste ano façamos uma pausa nas nossas actividades para uma vez mais afirmar a nossa dedicação ao Movimento, que cremos ser ainda hoje a maior esperança para a juventude do mundo.

D. C. Spry
Director da Repartição Mundial de Escotismo

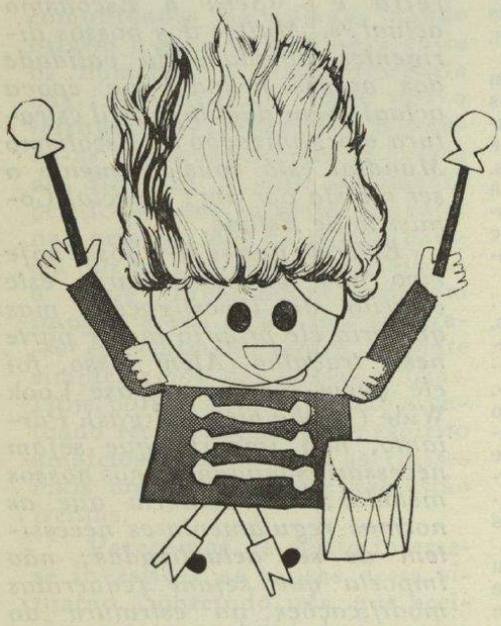
JANEIRO

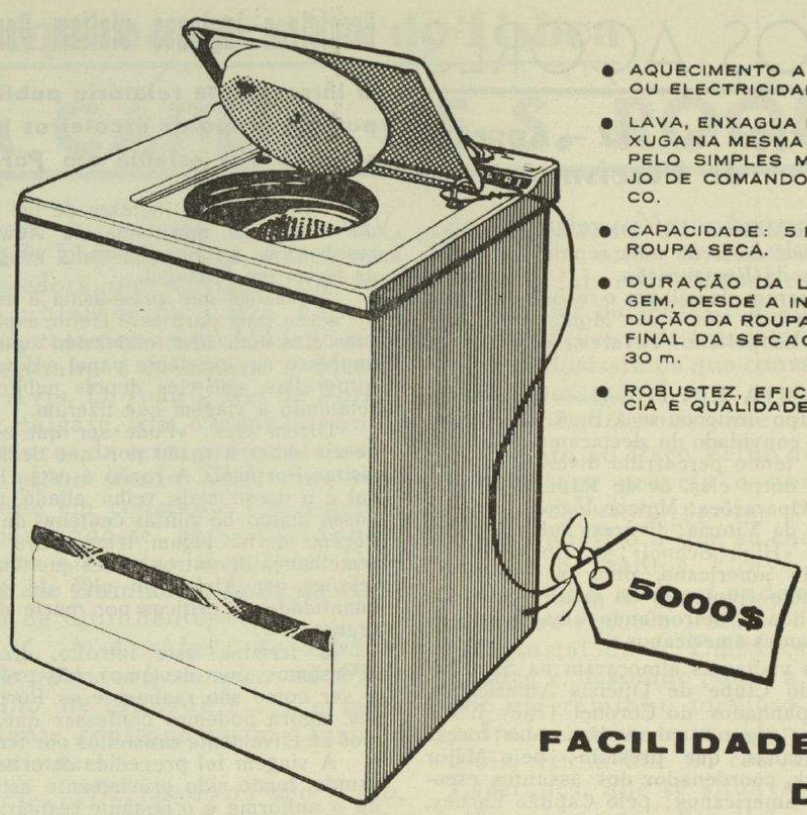
Dia 1 — 20.º aniversário do jornal «Sempre Pronto»
Dia 6 — Aniversário do Grupo n.º 91 — Gaia
Dia 8 — 24.º aniversário do falecimento de B. P.
Dia 17 — Aniversário do Grupo n.º 6 — Olhão.
Dia 31 — Almoço comemorativo do 20.º aniversário de «Sempre Pronto».

FEVEREIRO

Dia 22 — Aniversário do nascimento de B-P e de Lady Baden-Powell.

do cobertor ao babete tudo lava a majorette





- AQUECIMENTO A GÁS OU ELECTRICIDADE.
- LAVA, ENXAGUA E ENXUGA NA MESMA TINA, PELO SIMPLES MANEJO DE COMANDO ÚNICO.
- CAPACIDADE: 5 K DE ROUPA SECA.
- DURAÇÃO DA LAVAGEM, DESDE A INTRODUÇÃO DA ROUPA ATÉ FINAL DA SECAGEM: 30 m.
- ROBUSTEZ, EFICIÊNCIA E QUALIDADE

FACILIDADES DE PAGAMENTO

FRIGIDAIRE

UM PRODUTO DA GENERAL MOTORS

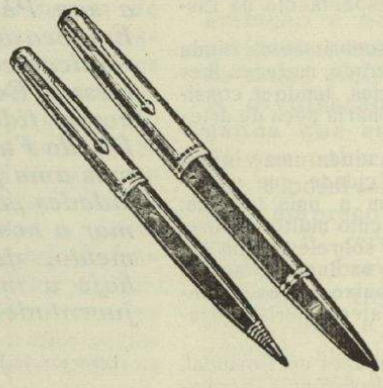
FRIAL Instalações Frigoríficas e Artigos Domésticos, Lda.
Rua Gonçalves Crespo, 26, A e B (ao Conde Redondo) Tel. PPC 734448

PAPELARIA DA MODA

PAPELARIAS ANTÓNIO VIEIRA, S. A. R. L.

Com secções de:

- **Papelaria**
- **Desenho e pintura**
- **Quadros e gravuras**
- **Objectos de escrita**
- **NOVIDADES**



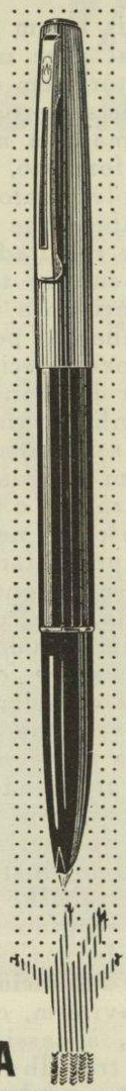
Parker

As canetas mais desejadas do mundo

Rua do Ouro, 167-173

Telefs. 32 42 69 e 32 43 47 **LISBOA**

Waterman



A NOVA

Wat Waterman

— UMA NOVIDADE
— Enchimento simples sem qualquer mecanismo
— Não necessita de ser limpa
— Enchimento rápido em poucos segundos
— Não seca mesmo sem a tampa
— Escreve instantâneamente e em qualquer posição
— Preço Esc. 110$00

Waterman famosos fabricantes de canetas e esferográficas de Esc. 32$50 a Esc. 850$00

Waterman

NOVIDADES NECONSAR, LDA.
R. do Telhal, 43 - Tel. 366478 - Lisboa

ASSINANTES PATROCINADORES

Dois novos patrocinadores vieram engrossar as fileiras daqueles que desejam apoiar «Sempre Pronto» pela subscrição espontânea de uma assinatura de um mínimo de Esc. 30$00 em vez da quota ordinária. São os nossos dedicados amigos e colaboradores srs. Luís Garcia e E. C. José Eduardo Pena Ribeiro. Agradecemos e esperamos que outros amigos acorram voluntàriamente a fazer o aumento da sua assinatura. Apenas 2$50 por mês e por número do nosso jornal.

O Problema do Escotismo em Moçambique

apreciado na Assembleia Nacional

Continuação da pág. 20

Ultramar para que se acabe com tão injusta discriminação numa matéria em que a concorrência é vantajosa, porque o espírito de emulação é sadio. Há lugar e há gente para todos. Só o Corpo Nacional de Escutas conta actualmente em Lourenço Marques com uma falange de mais de 700 rapazes, e há dias ainda fui procurado pelo seu ilustre chefe, tenente-coronel Silva Pais, velho amigo do liceu, para o ajudar na resolução de problemas da instituição. E ele sabe que pode contar com a dedicada colaboração do antigo escoteiro, porque nós ficamos para sempre assim, que nos damos a tudo que realize um ideal são.

«Não acreditamos que não nos oiçam e não nos atendam, porque seria acreditar que em Portugal já não há justiça, o que é contra a virtude moral da Nação e o seu valor universal».

Como preito de justiça à brilhante intervenção do sr. Dr. Marques Lobato, o jornal «Sempre Pronto» apressou-se a felicitar, por telegrama, o ilustre deputado, tendo-lhe remetido, no dia 22 de Dezembro p. p., a seguinte carta:

Senhor Deputado:

Só tendo tido ontem conhecimento pelo «Diário das Sessões» da tão notável e pertinente intervenção de V. Ex.ª na Assembleia Nacional acerca da situação dos Escoteiros de Portugal na Província de Moçambique, apressámo-nos a enviar o seguinte telegrama:

> Felicitamos e saudamos vivamente Vossa Excelência tão notável justa intervenção acerca Escoteiros de Portugal Moçambique. Direcção Jornal «Sempre Pronto».

Na precipitacão da leitura, porém, pareceu-nos que a intervenção se devia ao Deputado sr. Manuel João Correia, pelo que o referido telegrama a este foi enviado. Pedimos muita desculpa do lapso, mas desejamos ratificar as nossas merecidas felicitações e manifestar-lhe o nosso agradecimento pela justiça com que defendeu a posição dos Escoteiros de Portugal, em cujas fileiras temos a honra de o contar já que «uma vez escoteiro, sempre escoteiro».

Apresentamos a V. Ex.ª os nossos cumprimentos e subscrevemo-nos com a maior consideração, atento e

«sempre pronto»

O Director

a) *Eduardo Ribeiro*

Dos Amigos de "Sempre Pronto"

CASAMENTOS

Em 11 de Outubro passado, realizou-se o auspicioso matrimónio da sr.ª D. Lina Esperança de Oliveira Rana com o sr. José Pereira Isidoro. A noiva é gentil filha dos nossos amigos sr. José Cândido de Jesus Rana, antigo escoteiro, e de sua esposa sr.ª D. Maria de Lourdes Nunes de Oliveira Ramos.

Em 20 de Dezembro último, efectuou-se o enlace matrimonial da sr.ª D. Maria de Lurdes Gonçalves com o nosso estimado amigo e assinante sr. Armando de Almeida Morais, dedicado chefe de tribo do Grupo n.º 94.

Aos dois felizes casais desejamos as maiores felicidades.

DE VIAGEM

Depois de umas merecidas férias passadas no Continente, regressaram a Bissau, Guiné, o nosso dedicado e antigo assinante sr. José Cândido de Jesus Rana e sua esposa, tendo embarcado em 26 de Dezembro passado. Antes de partir, este nosso amigo teve a gentileza de passar pela nossa Redacção a apresentar os seus cumprimentos, tendo deixado ao nosso jornal como recordação uma catana, gentileza que muito agradecemos.

DE LUTO

Pelo falecimento de sua esposa Sr.ª D. Maria Amália Gomes Rosa Valentim Lourenço, ocorrido em 11 do corrente, encontra-se de luto o nosso estimado assinante patrocinador Sr. Dr. Raul Valentim Lourenço, a quem expressamos a nossa muita simpatia nesta hora dolorosa, apresentando-lhe sentidos pêsames.

★ Em 16 do corrente, com a provecta idade de 92 anos, faleceu a Sr.ª D. Maria José Amaro Borrego, mãe dos nossos estimados amigos e assinantes patrocinadores srs. Coronel Joaquim de Sousa Duarte Borrego e Capitão Manuel de Sousa Duarte Borrego, a quem endereçamos as nossas condolências e manifestamos a nossa simpatia.

Para os nossos leitores mais jovens

Concurso "Valores Humanos"

Conforme prometemos no último número, iniciamos este mês o novo concurso deste jornal, cujo nome é, como também já dissemos, «Valores Humanos».

Trata-se de um fácil passatempo que não tem outros objectivos que não sejam os de intensificar as relações entre este jornal e os seus mais jovens leitores e de dar a conhecer alguns dos aspectos mais interessantes da vida de grandes vultos da Humanidade.

O regulamento do concurso é o seguinte:

1.º — Este concurso tem o fim de desenvolver, entre os concorrentes, o gosto pelo estudo da vida e das obras de grandes vultos mundiais.

2.º — Só podem concorrer os nossos leitores que, durante o ano de 1965, não completem mais de 16 anos.

3.º — Mensalmente, *Sempre Pronto* publicará uma nótula biográfica sobre uma das seguintes grandes figuras da Humanidade: Abraão Lincoln; Aristóteles; Isaac Newton; João Baptista Poquelin (Molière); José Tomás de Sousa Martins; Rembrandt Van Ryn; São Francisco de Assis; e Wolfgang Amadeu Mozart.

4.º — Os concorrentes têm de:

a) enviar a: *Redacção de Sempre Pronto — Concurso Valores Humanos — Travessa Vilorino de Freitas, 9 — Lisboa-3*, até o fim do mês seguinte ao do número do jornal em que a nótula biográfica for publicada, um postal com a indicação do nome da figura que presumam ali seja referida;

b) indicar ainda:

1.º SÓ NO PRIMEIRO POSTAL, o seu nome completo, a morada, a data do nascimento e a seguinte declaração: *«Declaro que os dados da minha identificação pessoal estão certos e que adquiri o número do jornal «Sempre Pronto» do mês de..... de 1965* (Completar com a indicação do mês) *em que foi publicada a nótula biográfica respeitante à solução contida neste postal».*

2.º NOS RESTANTES POSTAIS: o seu nome completo e a seguinte declaração: *Declaro que adquiri o número do jornal «Sempre Pronto» em que foi publicada a nótula biográfica respeitante à solução contida neste postal».*

5.º — Cada solução certa, enviada em conformidade com este regulamento, corresponde a um ponto.

6.º — Serão considerados vencedores deste concurso os concorrentes que obtiverem 8 pontos.

7.º — Os prémios, que oportunamente discriminaremos, serão atribuídos aos concorrentes segundo uma classificação estabelecida pela ordem decrescente de pontos obtidos. Em caso de igualdade, a classificação dos concorrentes com o mesmo número de pontos será ordenada por meio de sorteio a realizar em sessão pública, prèviamente anunciada.

8.º — Só poderão ser considerados, para efeitos de atribuição de prémios, os concorrentes que tenham alcançado, pelo menos, 6 pontos.

"Valores Humanos"

FIGURA N.º 1



Este grande pintor nasceu em 1606. Era filho de um moleiro. Antes de se dedicar à arte que o notabilizaria, estudou humanidades na Universidade de Leida.

Devem-se a ele alguns dos mais célebres quadros, tais como «A ronda da noite», a sua obra prima; «Lição de anatomia», talvez a mais conhecida; «Os peregrinos de Emaús», etc..

A sua técnica caracteriza-se pelo realce que dá aos seus personagens com o uso do seu claro-escuro, dos seus contrastes, a força misteriosa dos retratos, a harmonia do conjunto das grandes composições, o sentimento e a vida que revela em todos os seus trabalhos.

Foi um extraordinário retratista, de elevada espiritualidade. Os inúmeros auto-retratos que deixou são prova do seu grande valor neste género de pintura.

Tendo chegado à riqueza, a prodigalidade e alguns golpes de desfortuna conduziram-no novamente à pobreza. Viu-se obrigado, em certa altura, a desfazer-se de todos os haveres para pagar aos credores.

Acabou por morrer pobre em 1669.

Deixou mais de 750 quadros e de 1.700 desenhos e águas-fortes.

Outras obras: «Os síndicos da arte da lã», «Betsabé», «Susana no banho», «Apresentação no templo», «As bodas de Sansão». «Danae», «Ecce Homo». «O homem do elmo», «A Samaritana», «A família do marceneiro», «A noiva judia», etc..

Segundo a 4.ª condição do Regulamento, as respostas a esta nótula biográfica têm de ser enviadas a este jornal até ao fim do próximo mês de Março.

Brevemente publicaremos a lista dos prémios com que este concurso será dotado.

Um aviso à mocidade

Conclusão da pág. 18

lham e mais lutam pelo progresso. Portugal vive um momento da sua história em que esta verdade terá de ser proclamada bem alto e afirmada à mocidade. Os planos de fomento, os projectos de desenvolvimento industrial, por mais sábios que sejam só poderão obter resultados eficientes na medida em que todos os Portugueses sentirem a responsabilidade de trabalhar pelo futuro do País. Os novos precisam de saber que a partir dos bancos da escola estão empenhados nesse esforço, que tem de ser contínuo e desempenhado com entusiasmo.

Mas para que o trabalho seja feito com alegria necessita também de ser prestigiado. Cada homem que se encontra atrás de uma bancada, que comanda uma máquina, vigia um doente, ensina, administra, serve ou escritura, tem de ter a consciência de que é uma pedra vital na economia da Nação. Para isso é indispensável que todo o trabalhador, manual ou intelectual, seja respeitado e prestigiado no exercício das suas funções. Como instrumento de progresso, o trabalho tem também de ser remunerado com justiça. Os salários baixos são um perigo que importa denunciar. Provocam desânimo, aviltam, convidam ao desinteresse, à lassidão. Porque é nobre, o trabalho tem de ser retribuído com nobreza. A produção aumenta sempre na medida em que se valoriza o esforço.

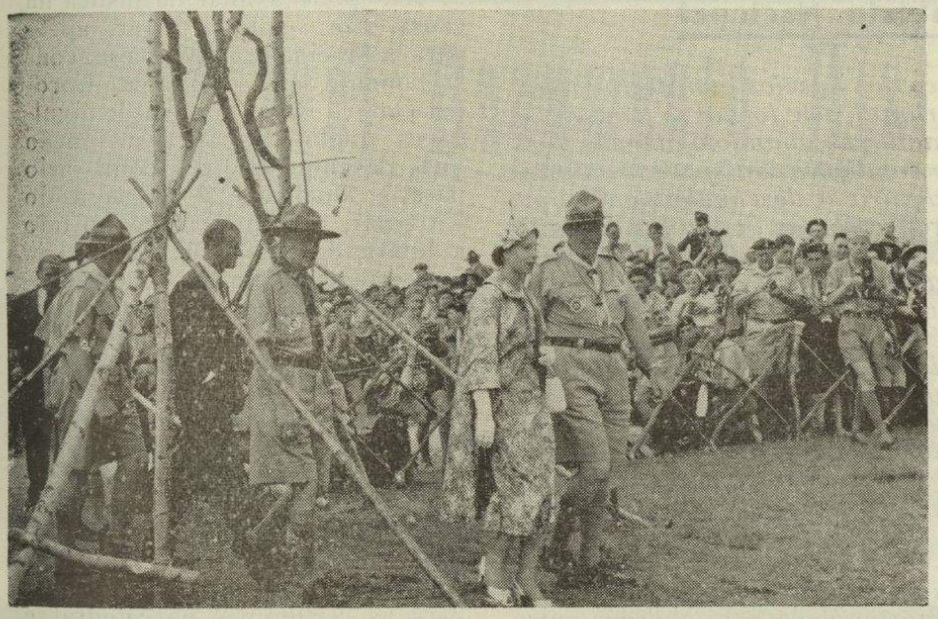
O princípio do ano é momento muito oportuno para meditar nas considerações feitas. Elas abordam um problema do maior interesse para a vida nacional. Lamentamos que a nossa voz seja demasiado débil para se fazer ouvir. Fica-nos, no entanto, a esperança de que os possíveis jovens que nos lerem fiquem prevenidos acerca das nefastas sugestões do jogo e adquiram a certeza de que só o trabalho é factor honesto de produzir riqueza.

E. R.

AS GRANDES REPORTAGENS de "SEMPRE PRONTO"

Continuação da pág. 3

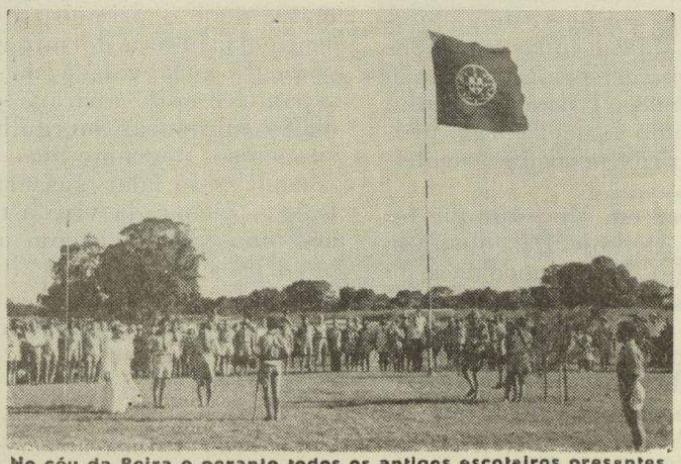
Jubileu. A equipa de «Sempre Pronto» mais uma vez ali vai, pagando do seu bolso pessoal todas as despesas, tal qual como aconteceu das outras vezes. Foi um acontecimento tão notável que os grandes jornais do mundo ali mandaram os seus jornalistas. «Sempre Pronto» acompanhou todas as actividades e deu aos seus leitores uma reportagem desenvolvida do grande acontecimento, apresentando mesmo ima-



gens fotográficas de grande relevo, como aquela que aqui inserimos onde se vê a Rainha Isabel e o Príncipe Filipe que, acompanhados de dirigentes do Jambori, visitam um dos campos.

O Jambori da Saudade

Na Beira, em Moçambique, em 23 de Maio de 1960 realiza-se uma grande concentração de antigos escoteiros residentes naquela florescente cidade. O Engenheiro Jorge Pereira Jardim—a alma do acontecimento—proporciona-nos elementos e a reportagem fotográfica da grande reunião onde tomaram parte dezenas de antigos esco-



No céu da Beira e perante todos os antigos escoteiros presentes sobe a bandeira nacional

teiros e antigas guias, e ainda escoteiros da colónia chinesa. O Jambori da Saudade — como se chamou o acampamento — teve notável repercussão em todo o país graças à difusão dada por «Sempre Pronto».

E quantas outras reportagens «Sempre Pronto» tem tido o prazer de levar aos seus leitores? Não há dúvida: «Sempre Pronto» é um pequeno jornal que faz grandes reportagens.

Natal de Luz

Bem haja, Joel Ribeiro, pelo seu artigo, inserto no «Sempre Pronto» de Dezembro, sob o título «Natal de Luz».

Lidas e meditadas as palavras que o mesmo encerra, talvez a ameaça de destruição que impende sobre a Humanidade cessasse. As criaturas elevar-se-iam perante Deus, porque as armas de destruição seriam substituídas por instrumentos que facilitassem o amanho da terra, a laboração perfeita dos hospitais, das associações de beneficência, das organizações escotistas, numa palavra, de tudo quanto possa contribuir para o bem da Humanidade. Teríamos Natal de Luz, desejado pelo Menino, em vez do que, de ano para ano, parece afastar-se mais da Luz. Sim, porque a luz do presente século, por muitas criaturas designado o século das luzes, não é luz, visto que o progresso material, por si só, não se pode considerar progresso. Progresso é elevação, e, assim, afigura-se-nos de considerar aquele, quando as criaturas, ao conceberem uma descoberta no campo da ciência ou da técnica, visem, o alívio dos males que afligem a Humanidade e não o seu sofrimento e extermínio.

Estamos, pois, absolutamente de acordo com Joel Ribeiro, que fecha o seu belo artigo com as seguintes palavras: «Só na vida do Menino que nos foi dado encontraremos o fermento capaz de oferecer ao Mundo uma era de paz e amor».

Joaquim de Sousa Piscarreta

Prefira as embalagens individuais dos nossos açúcares

REFINARIA DO ULTRAMAR

Avenida da Índia, 10

LISBOA

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

Propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista

Números 237 e 238

★

JANEIRO e FEVEREIRO de 1965

O Problema do Escotismo em Moçambique

apreciado na Assembleia Nacional

Já por diversas vezes, fazendo eco dos anseios manifestados em diversos sectores dos Escoteiros de Portugal, este jornal se tem referido ao problema do Escotismo no Ultramar, chamando a atenção para a necessidade de serem oferecidas as condições indispensáveis para que o nosso movimento pudesse readquirir o desenvolvimento que, em tempos passados, já ali registou, progresso que possui a sua maior garantia nos numerosos e entusiásticos núcleos de antigos escoteiros que nessas terras se fixaram há já bastantes anos.

Todavia, até agora pouco se tem caminhado no sentido de se ver regularizada essa situação. Porém, na sessão do dia 9 de Dezembro p. p. da Assembleia Nacional, o deputado sr. Dr. Alexandre Marques Lobato, numa brilhante intervenção, chamou a atenção das Autoridades para o problema, afirmando a necessidade de o mesmo ser resolvido prontamente. Disse, ainda, que tal decisão seria um acto de justiça para com um movimento que possui uma tão brilhante folha de serviços e que persegue objectivos eminentemente patrióticos e de pronunciado recorte moral.

Porque o documento merece ser conhecido de todos os nossos leitores, deixamo-lo arquivado nestas colunas:

«Antes de acabar, aproveito a oportunidade para abordar outro problema para o qual fui solicitado em Lourenço Marques por antigos companheiros meus da organização. Trata-se de obter do Governo que seja revogada a legislação que impede a existência em Moçambique da Associação dos Escoteiros de Portugal, que tem na metrópole mais de meio século de existência e tinha em Lourenço Marques um dos seus primeiros grupos, o n.º 10.

«O escotismo português nasceu em Macau e filiou-se na organização mundial logo que em 1913 se estabeleceu em Lisboa a Associação dos Escoteiros de Portugal. O escotismo é um movimento para a educação da juventude sob o lema de «mens sana in corpore sano». Assenta na superioridade moral do homem, pratica a fraternidade entre todas as pessoas, os povos e as raças, recomenda a prática do bem, defende as virtudes cívicas, a liberdade religiosa e uma vida sã. Em todas as nações a organização é saudàvelmente nacionalista, sem ser sectária. No meu grupo de escoteiros em Lourenço Marques, o n.º 68, vivia-se o orgulho de ser português, sob a dedicada chefia do capitão Ismael Jorge, professor de Educação Física no liceu e comissário provincial dos escoteiros em Moçambique.

«Quando se instituiu a Mocidade Portuguesa em Moçambique foi inexplicável e incrìvelmente extinto o escotismo. Até hoje. Descobriram, porém, os prelados da província que ao abrigo da Concordata e do Acordo Missionário podiam restaurar o escotismo católico do Corpo Nacional de Escutas, e assim fizeram, limitando-se a comunicar o facto à entidade provincial competente. O Governo da província ficou surpreendido, mas também se não deu por achado; limitou-se a sorrir. Também não havia outra coisa a fazer, porque dali não viria mal ao Mundo. E era rigorosamente legal.

«Desta forma, ficou discriminada a Associação dos Escoteiros de Portugal, que os antigos escoteiros querem restabelecer na província. Tudo quanto deles se pode dizer é que, lançados no torvelinho da vida como homens, nunca nenhum traiu Portugal, e hoje, embranquecidos e cheios de filhos e netos, pedem a quem quer que seja meças do seu portuguesismo, como no tempo em que, ainda garotos, juraram para toda a vida, escoteiros que sempre ficaram, «cumprir com os seus deveres para com a sua Pátria».

«O escotismo foi vítima de injustiça e pede uma reparação. Não há razão alguma de qualquer ordem para que subsista a prepotência que se praticou. Estamos certos de que seremos atendidos, por que temos por nós a razão moral, que é uma força viva e inquebrável. Aqui fica, portanto, o meu apelo, em primeiro lugar ao Sr. Almirante Henrique Tenreiro, ilustre presidente da Associação dos Escoteiros de Portugal e nosso distinto colega, para representar ao Governo nesse sentido. Os antigos escoteiros de Moçambique sabem que S. Ex.ª os ajudará a restaurar o movimento na província, e por isso aqui lhe deixo o pedido que nesse sentido me fizeram, porque ninguém melhor que S. Ex.ª pode avaliar da justiça na causa. Em segundo lugar, apelo para a Mocidade Portuguesa, concretamente para o Tenente-Coronel Gomes Beça, homem de invulgares qualidades para a função que desempenha de comissário para a Mocidade Portuguesa do Ultramar, e com quem tenho tido a honra de trabalhar, directa ou indirectamente, no âmbito dos problemas e interesses da juventude ultramarina, designadamente a que se encontra na metrópole, que tanto já lhe deve. Em nome dos que esperam justiça, dirige-se a S. Ex.ª o pai de um lusito que no último 1.º de Dezembro, em Lourenço Marques, estreou a sua garbosa farda da Mocidade, com tal alvoroço que, manhã cedo, a horas incríveis, se fardou para seguir para as cerimónias na catedral e queria que lhe lavassem a cara mesmo fardado. Sinal de grande acontecimento cívico na vida de um garoto de 8 anos, aquela farda colada à pele. Nunca mais ele esquecerá o seu primeiro dia de lusito, como nunca esqueci o meu primeiro acampamento, em Março de 1928, sete quilómetros a pé pela estrada de Marracuene, fora de Lourenço Marques, quando ali era mato, nem o primeiro quarto de sentinela, tudo a dormir no acampamento pela calada da noite, a espantosa noite africana de claridades luminosas mergulhadas no silencioso negrume das árvores, cortada pelo falar sussurrante de toda a bicharada viva a mover-se aos meus pés, e eu com um medo pavoroso das cobras invisíveis.

«Coisas que temperam a coragem juvenil os rapazes gostam, nunca mais esquecem.

«Apelo ainda para o meu governador-geral, a Secretaria Provincial da Educação, a Direcção dos Serviços de Instrução, o Comissário Provincial da Mocidade. Apelo finalmente para o alto espírito de justiça dos srs. Ministros da Educação e do Ultramar, Subsecretário da Juventude e Desportos e director-geral do Ensino do

Segue na pág. 17